



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
FACULDADE DE DANÇA
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA

KLARYANE DOS PASSOS PIMENTEL

**CARIMBOLANDO: O PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM E
ESPETACULARIDADE DO CARIMBÓ NO MUNICÍPIO DE SÃO DOMINGOS DO
CAPIM – PARÁ**

BELÉM-PARÁ

2024

KLARYANE DOS PASSOS PIMENTEL

**CARIMBOLANDO: O PROCESSO ENSINO–APRENDIZAGEM E
ESPETACULARIDADE DO CARIMBÓ NO MUNICÍPIO DE SÃO DOMINGOS DO
CAPIM – PARÁ**

Monografia apresentada à Faculdade de Dança da
Universidade Federal do Pará, como requisito
parcial à obtenção do título de Licenciado no
Curso de Licenciatura em Dança.

Orientadora: Profª Drª. Maria Ana Azevedo de
Oliveira.

BELÉM-PARÁ

2024

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Biblioteca Universitária da ETDUFPA-Belém-PA**

P644c Pimentel, Klaryane dos Passos
Carimbolando: o processo ensino–aprendizagem e
espetacularidade do carimbó no município de São Domingos do
Capim – Pará / Klaryane dos Passos Pimentel. 2024.
73 f.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Ana Azevedo de Oliveira.

Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Pará, Instituto
de Ciências da Arte, Faculdade de Dança, Curso de Licenciatura em
Dança, Belém, 2024.

1. Danças folclóricas brasileiras. 2. Carimbó. I. Título.

CDD - 23. ed. 306.4098115

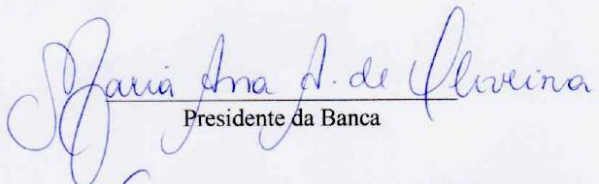
Elaborado por Rosemarie de Almeida Costa – CRB-2/726

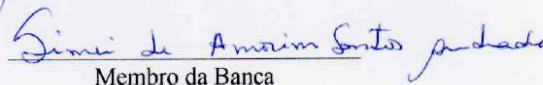


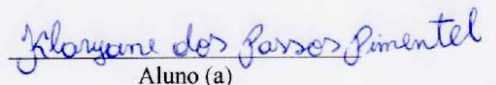
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
FACULDADE DE DANÇA

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos quatro dias do mês de novembro do ano de dois mil e vinte e quatro, às horas, na sala 22, da Faculdade de Dança - Curso de Licenciatura em Dança, reuniu-se a Banca Examinadora constituída pelas docentes: Profa. Dra. Maria Ana Azevedo de Oliveira (Orientadora e Presidente da Sessão), Profa. Dra. Simeide Amorim Santos Andrade (Membro interno), para proceder à avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **CARIMBOLANDO: ENSINO-APRENDIZADO E ESPETACULARIDADE DO CARIMBÓ NO MUNICÍPIO DE SÃO DOMINGOS DO CAPIM – PARÁ**, de autoria da aluna: Klaryane dos Passos Pimentel, matrícula: 201906040029, da turma: 2019, do Curso de Licenciatura em Dança. Iniciado os trabalhos, a Presidente da Sessão apresentou as normas de Defesa do Trabalho de Conclusão de Curso e em seguida convidou a aluna para fazer a apresentação do trabalho. Após a exposição oral, a discente foi arguida pelos membros da banca, que atribuíram conceito EXCELENTE ao seu Trabalho de Conclusão de Curso, tendo sido assim APROVADA (aprovado/reprovado), conforme normas regulamentares. Nada mais havendo a tratar, eu, presidente(a) da banca, lavrei a presente ata que segue assinada por mim, pelos demais membros da banca examinadora do trabalho avaliado e pela aluna.


Presidente da Banca


Membro da Banca


Aluno (a)

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta monografia por processos fotocopiadores ou eletrônicos, desde que mantida a referência autoral. As imagens contidas neste trabalho, por serem pertencentes a acervo privado, só poderão ser reproduzidas com expressa autorização dos detentores do direito de reprodução.

Assinatura Filaryane dos Passos Pimentel

Local e Data: Belem, 4 de novembro de 2024

Dedico esta pesquisa aos meus pais Claudete Passos e Janir Claudio Pimentel, pelo apoio incondicional da minha escolha profissional e, em todos os momentos difíceis da minha trajetória acadêmica na dança.

AGRADECIMENTOS

A Deus por me conceder saúde e forças para superar as dificuldades e angústias nesta caminhada de finalização do curso.

A Universidade Federal do Pará e o curso de Licenciatura em Dança, da Faculdade de Dança, juntamente com o corpo docente do curso, por oportunizarem e ampliarem a práxis durante o meu processo acadêmica, em especial a Prof. Dra. Simeia de Amorim Santos Andrade.

A minha Orientadora Prof. Dra. Maria Ana Azevedo de Oliveira pelo seu suporte e incentivo que me impulsionaram até a reta final deste Trabalho de Conclusão de Curso.

A minha Família em geral, pelo amor, cuidado, incentivo emocional e financeiro que foram essenciais em minha caminhada, principalmente minha mãe Claudete Assunção dos Passos, mulher batalhadora que tanto admiro e sempre acordava junto comigo de madrugada para eu viajar do meu município para faculdade em Belém.

A minha querida irmã Klarice dos Passos Pimentel Pereira que incondicionalmente esteve e está ao meu lado contribuindo para minha formação profissional e pessoal.

Ao meu companheiro de vida Igor Moreira Prestes, por consolar meus sentimentos que afloraram no decorrer desta caminhada acadêmica; foi fundamental para eu não desistir.

Ao meu Tio Claudionor Assunção dos Passos, que não se encontra nesta terra, mas que sempre estará vivo em meu coração, um dos meus incentivadores para concluir o nível superior.

Também os dançarinos Amilton Moreira, Caio Santos, Cindy Moreira, Darley Souza, Douglas Corrêa, Felipe Santos, Jociely Marciel, Ketleyn Vitória Nascimento, Maielly Nascimento, Tayane Belo, Vantuir Farias, Vinicius Passos e Ingrid Gomes por participarem desta pesquisa de dança com o grupo Carimbolando.

A minha parceira Gabriela Costa Figueiredo, minha dupla acadêmica que faculdade me apresentou e que caminhou junto comigo nesta trajetória do curso de dança.

A todos que direta e indiretamente contribuíram para que eu concluísse com êxito este curso tão almejado, obrigada!

Eu amo minha cidade
de São Domingos do Capim,
Preservo com todo o carinho com
todos os meninos que estão por aí,
Falando da pororoca que
todos aqui vêm admirar,
Nela vêm os três pretinhos nadando
no rio de Capim e Guamá.

Moleques na praia, para pegar,
E todos aqui esperando o
Momento que ela passar,
Veleiros lá fora,
Homens a remar,
Pegando as marolas pegando
os carrinhos das ondas do mar

Mas eu não saio daqui,
Quando essa onda passar,
Vou lá na matriz pedir a São
Domingos pra não demorar,

Mas eu não saio daqui
Quando essa onda passar
A maré encheu todo mundo
banhado na beira do cais.

“Carimbó da Pororoca”.
(Cantor e Compositor: Irelson Capim Show)

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo compreender o processo ensino-aprendizagem do Carimbó e sua espetacularidade no grupo Carimbolando. Grupo de jovens do município de São Domingos do Capim, pelo viés da Etnocnologia. Apresentando o saber-fazer da dança do carimbó nos interiores, enquanto artista–pesquisadora–participante. O suporte teórico-metodológico utilizado partiu dos estudos da Etnocnologia, por meio dos autores Bião (2007) e Oliveira (2015), que abordam sobre práticas e comportamentos espetaculares, sendo eles artísticos e culturais. Fundamentada em teóricos como Jastes (2012) e INRC (2013) sobre a dança do Carimbó. Para o ensino-aprendizado da dança, o estudo está alicerçado nas obras de Marques (2011) e Strazzacappa (2001). Os dados foram coletados no ano de 2023, por meio de entrevistas realizadas com quatro dançarinos do grupo Carimbolando. A abordagem da pesquisa é qualitativa-descritiva, na qual é retratada a minha trajetória acadêmica, juntamente com as experiências na dança do carimbó, no decorrer desta caminhada, bem como, é revelada as vivências e os laboratórios sobre os movimentos da dança do carimbó no grupo Carimbolando. Como resultado apresento a espetacularidade de duas coreografias interpretadas pelo referido grupo podendo também serem visualizadas pelo link e pelo QR Code. Desta forma, esta pesquisa pretende mostrar a dança do Carimbó, para o fortalecimento e expansão do ensino da dança e das culturas dos interiores, especificamente, de São Domingos do Capim, no estado do Pará.

PALAVRAS-CHAVES: carimbó; espetacularidade; ensino-aprendizagem; São Domingos do Capim.

ABSTRACT

This research aimed to understand the teaching-learning process of Carimbó and its spectacularity in the Carimbolando group. Group of young people from the municipality of São Domingos do Capim, from the perspective of Ethnocenology. Presenting the know-how of the carimbó dance in the interiors, as an artist-researcher-participant. The theoretical-methodological support used came from the studies of Ethnocenology, through the authors Bião (2007) and Oliveira (2015), who address spectacular practices and behaviors, being them artistic and cultural. Based on theorists such as Jastes (2012) and INRC (2013) on the Carimbó dance. For the teaching-learning of dance, the study is based on the works of Marques (2011) and Strazzacappa (2001). The data were collected in 2023, through interviews with four dancers from the group Carimbolando. The approach of the research is qualitative-descriptive, in which my academic trajectory is portrayed, along with the experiences in the carimbó dance, during this journey, as well as the experiences and laboratories on the movements of the carimbó dance in the group Carimbolando. As a result, I present the spectacularity of two choreographies performed by the aforementioned group, which can also be viewed through the link and the QR Code. In this way, this research intends to show the Carimbó dance, for the strengthening and expansion of the teaching of dance and the cultures of the interiors, specifically, of São Domingos do Capim, in the state of Pará.

KEYWORDS: carimbó; spectacularity; teaching-learning; São Domingos do Capim.

LISTA DE ABREVIATURAS

CIA	Companhia de Dança.
EDTUFGPA	Escola de Teatro e Dança da UFGPA.
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio.
FCP	Fundação Cultural do Estado do Pará.
INRC	Inventário Nacional de Referências culturais.
UFGPA	Universidade Federal do Pará.
SDC	São Domingos do Capim.
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Praça pública com letreiro da Cidade	20
Figura 2	Campeonato de surf na Pororoca	20
Figura 3	A cidade de São Domingos do Capim.	21
Figura 4	Igarapés Águas Clara e Lagoa Azul em SDC.	22
Figura 5	Igarapés Águas Clara e Lagoa Azul em SDC.	22
Figura 6	Extração do açaí e venda da farinha em SDC.	23
Figura 7	Extração do açaí e venda da farinha em SDC.	23
Figura 8	Apresentação na festa junina da Escola Brincando com as letras em 2004.	25
Figura 9	Cia Filhos da Pororoca.	31
Figura 10	A lenda do Boto da Cia Filhos da Pororoca.	33
Figura 11	Grupo contemporâneo da Companhia Filhos da Pororoca de 2020.	34
Figura 12	Grupo contemporâneo da Companhia Filhos da Pororoca, em apresentação na praça da cidade.	34
Figura 13	Grupo contemporâneo da Companhia Filhos da Pororoca	35
Figura 14	Aulas improvisadas no terminal rodoviário	36
Figura 15	Aulas improvisadas no terminal rodoviário	36
Figura 16	Casal de dançarinos do grupo de Tradições Marajoara Cruzeirinho de Soure.	38
Figura 17	Dona America, uma das pioneiras do quilombo da Proaga de SDC	41
Figura 18	Fotos com o grupo Cruzeirinho de Soure	42
Figura 19	Fotos com o grupo Cruzeirinho de Soure	42
Figura 20	Apresentação do projeto para os participantes.	45
Figura 21	Primeiro encontro do grupo e apresentação dos participantes	46
Figura 22	Leitura de textos sobre carimbó nos encontros	47
Figura 23	Dinâmica – Marcação dos pés	50
Figura 24	Experimentação – níveis espaciais	51
Figura 25	Experimentação – níveis espaciais	51
Figura 26	Experimentação de movimento dos braços na dança do carimbó.	51
Figura 27	Experimentação de movimento dos braços na dança do carimbó.	51
Figura 28	Objeto cênico Cuia	52
Figura 29	Objeto cênico Barco de miriti.	52
Figura 30	Experimentação Percussão - tambor.	54
Figura 31	Experimentação Percussão - tambor.	54
Figura 32	Oficina de Cenografia do projeto	55
Figura 33	Desenhos dos estandes.	55
Figura 34	Desenhos dos estandes.	55
Figura 35	Estandes de Miriti	56

Figura 36	Croqui coreográfico.	58
Figura 37	Primeira apresentação para os idosos no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) Raimundo Lopes Ribeiro em São Domingos do Capim.	61
Figura 38	Apresentação do grupo para a cidade de SDC.	63
Figura 39	QR Code do vídeo do grupo	64
Figura 40	Apresentação do grupo na praça	64
Figura 41	Registro do dia da gravação do vídeo clipe do grupo	67

SUMÁRIO

1	VAMOS NAVERGAR NESTE RIO DE POROROCA	15
2	FAZ TANTO TEMPO QUE SOU FILHA DESTA ÁGUA, FAZ TANTO TEMPO QUE SOU BOTO DESTE RIO	19
2.1	São Domingos do Capim: a capital da Pororoca	20
2.2	Trajectoria: de São Domingos do Capim à Belém	25
3	CAPIMENSES: FILHOS DA POROROCA	31
3.1	Companhia de Dança Filhos da Pororoca	31
3.2	Matrizes estético - culturais do carimbó	37
4	CARIMBÓ NA POROROCA: ENSINO-APRENDIZADO E ESPETACULARIDADE	45
4.1	O Grupo Carimbolando: ensino-aprendizagem	45
4.1.1	Vivências: Os laboratórios de criação	50
4.2	A espetacularidade do carimbó: o Grupo Carimbolando	57
5	MAREZIA NA MARÉ	69
	REFERÊNCIAS	71

1 VAMOS NAVERGAR NESTE RIO DE POROROCA¹ - INTRODUÇÃO

Interiorana do município de São Domingos do Capim, do estado do Pará, busco novas vivências em dança, tal como os encontros das águas que, se juntam e fazem surgir a pororoça. A dança me encontrou e me levou em seu banzeiro até os campos da Universidade Federal do Pará, onde encontrei uma enxurrada de aprendizagens que me levaram para o estrondo das águas do conhecimento acadêmico da dança. Assim, por intermédio da dança cheguei até aqui para manifestar minha sapiência sobre a dança do carimbó, mergulhadas nas águas acadêmicas e no saber-fazer capimense.

Desde criança, já participava do universo da dança, principalmente na quadrilha junina, grupo de dança, festas e em outros locais nos quais havia dança. Depois desse período, passei a me interessar pelo ensino-aprendizado da dança.

Foi então que comecei a minhas viagens. Saía do interior do Pará, especificamente, da cidade de São Domingos de Capim, com pouquíssimos conhecimentos sobre a dança e deparei-me com um lugar diferente e que mudaria a minha forma de pensar e dançar, lugar este repleto de conhecimentos, desafios e novas oportunidades sobre as danças populares brasileiras e dentre outras linguagens de dança.

Os compartilhamentos obtidos nas práticas dançantes fizeram-me ir além das atuações nos palcos. A entrada na universidade, especialmente no Curso de Licenciatura em Dança me apontou novos caminhos e impulsionou para o conhecimento sobre a dança do carimbó. Destaco que por meios das disciplinas do curso tais como: Manifestação Espetaculares Brasileira I e II, Estágio Docente III e outras, passei a me debruçar sobre os estudos do carimbó.

São Domingos do Capim, é uma cidade pequena, porém acolhedora e rica em cultura e ancestralidade deixada pelos povos que passaram por ali, como negros escravizados, indígenas e portugueses que formaram as matrizes culturais dos habitantes. A cidade é banhada pelos rios Capim, Guamá e Guajará e seu espetáculo

¹ Esta seção refere-se à introdução do Trabalho de Conclusão de Curso, cujo título foi denominado com a letra da música “NAVERGAR” do cantor e compositor de São Domingos do Capim, Irelson Capim show.

natural da Pororoca, atrai vários turistas e pesquisadores, o que também contribui para a economia do município.

A pesquisa apresenta como hipótese que há uma espetacularidade na dança do carimbó interpretada e dançada pelos jovens do município. Além de que, na dança do carimbó o ensino-aprendizado deve perpassar pelos conhecimentos teórico-práticos.

A partir daí, surgiu a seguinte questão: Como desenvolver o projeto Carimbolando para o ensino-aprendizado do carimbó, para um grupo de jovens do município de São Domingos do Capim, com a finalidade de analisar a espetacularidade da dança?

Para Bogéa (2019) o carimbó nos permite conhecer a diversidade do cotidiano dos povos ribeirinhos, quilombolas, indígenas, caboclos e amazônidas, por meio da dança, da música e da indumentária, rememorando memórias coletivas e ancestrais.

Este Trabalho de Conclusão de Curso - TCC tem como objetivo geral compreender o processo ensino-aprendizagem do carimbó para jovens do município de São Domingos do Capim, pelo viés da Etnocologia.

A base teórica-metodológica desta pesquisa, está alicerçada na Etnocologia, disciplina que me ajudou a olhar o fenômeno do carimbó, por meio dos autores Bião (2007) e Oliveira (2015). Trago para dialogar sobre a dança do carimbó a obra de Eder Jastes (2012) e INRC (2013), que trata do carimbó como Patrimônio material e imaterial, desde 2004. Vale destacar que no dia 26 de agosto é comemorado o Dia Municipal do Carimbó, no Pará. Essa data foi escolhida por ser o dia do aniversário do Mestre Verequete o Rei do Carimbó. E para completar esta pesquisa sobre o ensino da dança trago, Marques (2011) e Strazzacappa (2001).

Sobre o ensino da dança, destaca-se que os participantes do grupo até aquele momento não tinham o estudo teórico do carimbó e, sim, apenas suas práticas dançantes, “proponho, portanto, que pensamos em uma articulação múltipla entre o contexto vivido, percebido e imaginado pelos alunos e os subtextos, textos e contextos da própria dança” (Marques, 2011, p.102).

Sendo assim, “a Etnocologia, principal referência teórico-metodológico desta pesquisa, parti das perspectivas do artista-pesquisador-participante” (Moreira, 2018, p. 15), aquele que impulsiona e se aproxima do fenômeno da pesquisa para melhor desenvolvimento do assunto escolhido, que se refere à prática do estudo da

dança, a fim de estabelecer vínculos de afeto, conhecimento e reconhecimento cultural dos jovens de São Domingos do Capim.

Por meio de uma abordagem qualitativa-descritiva, a pesquisa apresenta as vivências no Projeto Carimbolando, para o ensino-aprendizado do carimbó, em uma pesquisa participante. Para Gil (2002, p. 55) "a pesquisa participante, assim como a pesquisa ação, caracteriza-se pela interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas".

Os dados foram coletados no ano de 2023, por meio de entrevistas realizadas com quatro dançarinos do grupo Carimbolando, além de fotos e vídeos de apresentações. Como resultado da espetacularidade do carimbó, apresento o link e o QR Code, das apresentações, na última seção deste trabalho e, os croquis das coreografias, elaborados para dar visibilidade a dança do carimbó.

O projeto Carimbolando desempenhou um importante papel sociocultural aos dançarinos do município pois, possibilitou vivenciar o carimbó pelo olhar da espetacularidade, além de contribuir para a cultura da dança do carimbó no município de São Domingos do Capim. "Dessa forma, reconhecer, afirmar, valorizar e estimular a produção do carimbó é contribuir com o fortalecimento das comunidades tradicionais, e tudo que a identifica" (Paula et al. 2018, p. 793).

Contudo, vislumbro que este trabalho acadêmico possa contribuir com os conhecimentos sobre a dança do carimbó, motivando estudantes e pesquisadores a conhecerem mais sobre a origem, suas características, movimentos corporais e músicas, para ir além do dançar.

Apresentar para a sociedade acadêmica e não acadêmica a valorização do carimbó e dos grupos de dança dos interiores, não somente em locais já conhecidos, mas também mostrar que há diversos grupos de carimbó, tornando assim possível o crescimento e a prática da dança.

Para Fuscaldo (2015, p. 98-99) "Estimular o carimbó é parte do fortalecimento identitário do Pará – e do paraense – e é parte de um processo de construção de um Brasil mais coerente com sua história e sua diversidade intrínseca".

Esta pesquisa é formada por quatro seções. A primeira esteve pautada nesta introdução ao desenvolvimento do TCC. Na segunda seção intitulada *Faz tanto tempo que sou filha destas águas, faz tanto tempo que sou boto deste rio* a abordagem percorreu sobre o município de São Domingos do Capim, em seguida, traço caminhos

sobre minha trajetória de professora–pesquisadora–artista em dança, desde criança até o meu percurso formativo na universidade.

Na terceira seção *Capimenses: filhos da pororoca*, apresento e teço comentários sobre o grupo de dança Filhos da Pororoca, o qual impulsionou minha atuação na dança para caminhos além da prática dançante e, logo depois, abordo sobre as matrizes estético-culturais do carimbó.

Por fim, na última seção denominada *Carimbó na Pororoca: ensino-aprendizado e espetacularidade*, relato sobre as vivências no Projeto CARIMBOLANDO e suas experimentações com a dança do carimbó, além do ensino – aprendizado da práxis da dança com os jovens do município de SDC e a espetacularidade do carimbó interpretada nas coreografias do grupo.

2 FAZ TANTO TEMPO QUE SOU FILHA DESTA ÁGUA, FAZ MUITO TEMPO QUE SOU BOTO DESTE RIO²

Navegando nas águas desta pesquisa como uma maresia passageira, irei me abordar sobre o município de São Domingos do Capim, no estado do Pará, suas riquezas e cultura dos cidadãos desta cidade, apresentando seus fenômenos naturais, seus festejos e lendas do imaginário local. Deste modo, como artista–pesquisadora–participante desta pesquisa, venho apresentar minha cultura e local onde nasci, cresci e me criei, no qual aprendi a cultura da dança desde pequena, vivenciada no âmbito familiar e educacional, em uma prática sobre as danças populares. Em seguida, comento a minha caminhada à universidade, especialmente ao curso de Licenciatura em Dança, no qual abracei os conhecimentos sobre dança/arte contidos neste lugar extraordinário.

2.1 São Domingos do Capim: a Capital da Pororoca

São Domingos do Capim, está situado na região norte do Pará, a 130 km da capital Belém, possui 30.978 habitantes e é banhado pelo rio Capim. Lugar bastante acolhedor que tem várias Festividades, como: Carna Capim - período do carnaval; Festival do Exagero - evento que reuni os cidadãos para o concurso de objetos extremamente grandes e confeccionado artesanalmente pelos moradores da cidade; Círio de Nossa Senhora de Nazaré; Festividade de São Domingos de Gusmão - padroeiro da cidade; Aniversário do Município e Festival da Pororoca.

² Esta seção foi nomeada com a letra da música “Faz tanto tempo” do compositor Ireson Capim Show.

Figura 1 - Praça pública com letreiro da Cidade



Fonte: Deldson Carvalho, 2021.

A cidade está localizada na microrregião Guajarina, cuja economia é baseada na produção da agricultura e administração pública. Contudo, a cidade só se tornou conhecida quando surgiu o Campeonato de Surf na Pororoca e o Festival da Pororoca. Pororoca - nome indígena, de um fenômeno natural, que produz uma grande onda, forte e estrondosa. Segundo Pereira (1998, p. 26):

Neste período, ou seja, na hora que a pororoca bater seu banzeiro tudo fica no mais absoluto silêncio. As embarcações de porte médio, se refugiam nas partes mais profundas do rio atracando suas embarcações, esperando o banzeiro passar. O fenômeno chama a atenção pela forma como evolui, desaparecendo e aparecendo com a chamada torna. Evidencia-se, pela sua força e evolução de água acima do nível do rio, podendo atingir 3 metros de altura (Pereira, 1998, p.26).

Figura 2 - Campeonato de surf na Pororoca



Fonte: Agência Pará, 2019.

O fenômeno da Pororoca na cidade de SDC acontece devido o encontro das águas do Rio Guajará com o Rio Capim, com a influência da lua e da maré. Diferente de outros fenômenos que acontecem pelo encontro das águas do rio com o mar. Segundo o imaginário local a pororoca acontece por conta dos pretinhos da pororoca que vem visitar sua mãe, fazendo um reboiço nas águas dos rios é [...] “símbolo de identidade, o que faz São Domingos do Capim ganhar o codinome de a capital da Pororoca” (Souza, 2009, p.183).

A cidade de SDC é culturalmente composta, pelas matrizes culturais dos povos, que fizeram parte da formação do município. Percebe-se que dos povos indígenas herdou-se costumes, lendas e nomenclaturas usadas no cotidiano da cidade e do negro os saberes da terra e sua força para viver e dos portugueses a religião. “Se me chama de “capimense” é porque tenho descendência cabocla, ribeirinha, indígena, negra e portuguesa” (Souza, 2022, p.9).

Figura 3 - A cidade de São Domingos do Capim.



Fonte: Felix Studio, 2023.

As lendas estão presentes no imaginário dos moradores capimenses, dentre elas: a lenda da Cobra Grande, que segundo eles está dormindo em volta da cidade; a lenda do Boto que encanta e mundia (enfeitiça)³ as garotas que estão no seu período menstrual e entram nas águas, a lenda da Matinta Pereira que assovia nas madrugadas e ninguém pode mexer com ela, pois ela ter dá uma surra na certa.

³ Mundia (enfeitiça): abolir a vontade de (algo, alguém); causar entorpecimento; assombrar, magnetizar. Disponível em: [mundiar - Dicionário Online Priberam de Português](#).

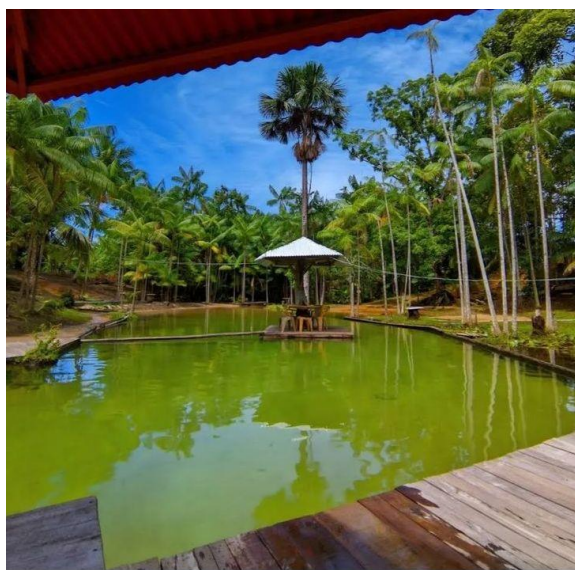
Tende – se que “com a reelaboração cultural e a interação das diversas etnias historicamente construídas no espaço local, surgiu o processo de desenvolvimento da tradição oral” (Souza, 2009, p.180).

Vale destacar a lenda da Pororoca, que segundo relatos dos antigos, o boto seduziu e engravidou uma ribeirinha e assim nasceram três crianças com formas de boto, batizados de três pretinhos, sua mãe teve que soltá-los no rio para sobreviverem e em noite de lua cheia eles vem brincando sobre as águas para visitar sua mãe que chora pela partida dos três, fazendo maior festança nas águas do rio, quebrando ponte, enchendo casas e virando embarcações.

De acordo com os moradores, devido a poluição e o desmatamento, a pororoca não é mais a mesma de anos atrás, que enchia as ruas da cidade, virava barcos e pontes, outros acreditam que um dos três pretinhos se perdeu dos outros dois e por conta deste acontecimento a pororoca está “batendo” fraca.

O município de SDC tem suas belezas naturais, tais como: os igarapés abertos para visitantes, lugares encantadores águas claras, lagoa azul e cachoeiras.

Figura 4 e 5 - Igarapés Águas Clara e Lagoa Azul em SDC.



Fonte: Redes Sociais Disponível em:

<https://www.instagram.com/p/CqYJLxLKOy/?igsh=MXU0dG9vY2hvdnRydg==>
<https://www.instagram.com/p/CNNdj1RsHg6/?igsh=MWljbGJ2ZG14Y25xdQ==>

Neste cenário, tem-se uma cidade de interior. Desse modo, a cultura interiorana é a cultura dos ribeirinhos, que tem a natureza que os cerca como principal fonte de renda, tornando-se importante a preservação nesta localidade; uma vez que a cidade é uma verdadeira ilha.

Neste sentido, da natureza são extraídos os recursos naturais para o consumo dos cidadãos capimenses. Assim, tem-se uma culinária é rica, mas destaca-se o cultivo da maniva, cujas folhas preparadas e cozidas tem-se a maniçoba. Já a raiz chamada de mandioca, prepara-se a farinha e outras iguarias. Tem açaí em abundância para o consumo e venda do fruto.

Figura 6 e 7: Extração do açaí e venda da farinha em SDC.



Fonte: Klaryane Pimentel, 2024



Fonte: Túlio Pinheiro, 2024.

Desta forma, o cotidiano da cultura local convive lado a lado com a natureza e seus encantos em SDC. Entendo que a cultura “pode se definir como um conjunto de conhecimentos; crenças; valores; costumes; tradições; arte e comportamentos que são compartilhados por um grupo de pessoas (SÓ ESCOLA, 2023). Baseado neste conceito, em que a cultura é a ação de um povo em seu cotidiano comum, toda e qualquer comunidade ou grupos de pessoas encontram essas características particulares nos seus hábitos e práticas cotidianas.

Para Vannucchi (2006) compreende cultura como “auto – realização da pessoa humana no seu mundo, numa interação dialética entre os dois, sempre em dimensão social” (Vannucchi, 2006, p.21). A cultura é a produção dos comportamentos do homem em seu ambiente, expressados em seus modos de viver que foram herdadas dos seus ancestrais e que se modifica e se renova com o decorrer do tempo, assim, evidentemente a cultura é a arte estão intimamente ligadas, expressadas nas danças,

cantos e artesanatos. Diante disso, abordarei a seguir sobre a manifestação da cultura da dança por meio da minha trajetória enquanto pesquisadora capimense.

2.2 Trajetória: de São Domingos do Capim à Belém

Naturalizada capimense⁴, de uma cidade localizada no interior do Pará, onde a cultura caminha lado a lado com o cotidiano, nos cuidados, costumes, crenças e culinárias, abundantemente presentes nesta localidade, conseqüentemente com ensinamentos desde criança sobre a cultura capimense, que mostrarei nesta pesquisa. Desse modo, cresci em suas tradições locais, tradições estas que são ensinadas espontaneamente com o convívio, tais como: a dança do carimbó, a quadrilha junina, o brega⁵ e dentre outras danças locais. Para Eloise Rosa (2013, p.2) “A dança popular insere-se dentro de uma cultura que permanece ao longo dos anos com sua religiosidade, ancestralidade, memória, matrizes corporais e símbolos”.

A dança está presente no dia a dia, inicialmente nas escolas infantis e séries iniciais, em festividades e festas nas ruas da cidade, apresentando a cultura local da dança e outras tradições para seus cidadãos. Compreendo a cultura como: “um conjunto de símbolos, signos, ações e costumes que tenham sentido e significado para uma determinada sociedade ou povo” (Campos, 2014, p.12).

A cultura de dançar vem do âmbito familiar, meus pais, tios e tias me mostram nos eventos familiares a prática da dança, além das festas de aparelhagem, dos grupos de dança e quadrilhas juninas que participavam. Percebia o amor pela arte de dançar, assim, me deslumbrava ao observar eles dançando e me levando para acompanhá-los.

Comecei a dançar em 2004, com 05 anos de idade, na turma do maternal, na escola pública do município de São Domingos do Capim. Na época, participei de quadrilhas juninas e apresentações de danças tradicionais na escola. Não pensava que a dança seria a profissão mais almejada por mim, no entanto, já sabíamos que

⁴Capimenses: Indivíduos que residem na Cidade de São Domingos do Capim.

⁵ Brega: Tem sua origem na cidade de Belém, capital do Estado do Pará. O brega na sua forma de dançar a dois é prazerosa e fácil, a poesia popular aliada as melodias contagiantes, revela toda a essência do povo paraense, um povo de alma dançante. Mais informação no link: <https://bregapop.com/historia/323-marcelo-thigana/54-pesquisa-sobre-o-brega-marcelo-thigana>.

demonstrava talento e paixão pela arte da dança. “A dança no espaço escolar busca o desenvolvimento não apenas das capacidades motoras das crianças e adolescentes, mas suas capacidades imaginárias” (Strazzacappa, 2001, p.71).

Figura 8 - Apresentação na festa junina da Escola Brincando com as letras em 2004.



Fonte: Acervo pessoal, 2004.

A dança já se fazia presente nos momentos importantes da minha caminhada educacional. Na figura 8 acima, vivenciei meus primeiros contatos com as danças populares, participei pela primeira vez da quadrilha junina da escola, onde também atuei como destaque, como Miss “Estalinho de São João”. Fotografia registrada no dia 23 de junho de 2004, no Ginásio da Escola Brincando com as letras no Forrozão da mesma, no município de SDC.

Ao adentrar no nível fundamental participei de grupos de dança da escola, ampliando cada vez meu repertório de movimentos corporais, tornando-se constante a atuação da dança neste período, além das quadrilhas juninas e outras práticas dançantes. Então, naquele momento a dança fazia parte de mim, como ser humano, foi onde encontrei-me na escola e no mundo.

Após um tempo participando dessas práticas obtive certo entendimento e conhecimentos em dança, tais como: noções coreográficas, percepção de tempo-espaço e ritmo de dança. Para Marques (2011, p.15),

Aprender a elaborar conhecimentos de dança envolvendo sensibilidade, sentimentos, opiniões a partir de elementos afetivos, intuitivos sobre as pessoas e suas questões socioculturais, no mundo em que vivem, é prática que necessita tornar-se mais presente nas aulas em escolas de educação Básica (infantil, fundamental, médio). (Marques, 2011, p.15),

Dessa maneira, a dança me permitiu ter noções sobre o corpo e principalmente nos movimentos executados coreograficamente. Como descrito acima pela autora e confirmado nas minhas vivências pessoais, aos Quinze anos de idade continuava experienciando o “mundo junino” no ensino médio, onde a afetividade e o contato com esta prática espetacular levavam-me a confirmar a dança na minha vida.

As participações também em grupos de danças folclóricas do município foram vivenciadas por mim nesta trajetória de conhecimentos em danças populares. Em um convite feito pelo coreógrafo mais renomado da cidade Fábio Lameira⁶ - amigo que me mostrou a importância da dança e sua magia que transborda o corpo de quem a prática – minha atuação em quadrilhas juninas ficou mais frequente.

Nos anos de 2015 a 2023, participei de vários concursos de quadrilhas juninas do município. “Todas as manifestações corporais humanas são criadas e realizadas dentro da dinâmica cultural com contextos e significados próprios dos seus respectivos grupos socioculturais específicos” (Campos, 1014, p.12).

Em 2017, fazendo parte do projeto da Companhia de dança Filhos da Pororoca⁷, que objetivava além do ensino da dança, levar aos palcos a essência cultural da "Capital da Pororoca", mostrando o modo de dançar único e inspirador nas lendas amazônicas. Os primeiros espetáculos dos quais participei foram “A lenda do boto”, que mostrou a sedução do boto homem/animal e a comunidade ribeirinha nos festejos na beira do rio.

⁶ Fábio Lameira: Dançarino, Coreógrafo e Professor de Aeróbica da Cidade de São Domingos do Capim-PA.

⁷ Companhia de dança Filhos da Pororoca: grupo parafolclórico composto por jovens do município de São Domingos do Capim. Mais informações sobre o grupo serão apresentadas na próxima seção.

Participar da Companhia, me possibilitou conhecer novos horizontes. Por meio da Cia participei de festivais de dança na cidade de Belém, como o Fida⁸, em 2018 e o Dança Pará⁹ em 2018 e 2019. Destaco que o grupo adquiriu o título em primeiro lugar nos dois festivais, na categoria Dança Folclórica/Popular. No entanto, nos anos de 2020 e 2021, exatamente no período da Pandemia da COVID 19¹⁰, as atividades ficaram temporariamente suspensas.

Após o retorno das atividades pós-pandemia foi necessário buscar novas vertentes de dança, a fim de sair da zona de conforto e adquirir novos conhecimentos em dança. Pois, “a cultura brasileira é variada e em cada uma das regiões do país existem manifestações específicas advindas da formação cultural do povo” (Campos, 2014, p.13).

As experiências na CIA me fizeram conquistar e expandir meus conhecimentos para além do grupo, quando diversos trabalhos com a dança em espaço formais e não formais me abraçaram.

Destaco o primeiro trabalho que atuei como monitora do “Projeto Mais Educação”, na Escola Municipal Cândido Lopes de Oliveira, no qual trabalhava aulas de dança popular com alunos do ensino fundamental, no contra turno das aulas. É importante destacar que, “as atividades de dança podem ser uma forma de concretizar e corporificar essas potências de ideias, visões, sensações e percepções de mundo (Marques, 2012, p.62)”

Sendo assim, compreendo que a dança e suas potências mostraram caminhos em minha trajetória, para que a mesma se tornasse profissão em minha vida. Desta maneira, busquei novos conhecimentos e formação para ensinar a dança. Em 2017, decidi fazer o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), porém, não obtive uma nota suficiente para ingressar no curso desejado – o curso de Licenciatura em Dança. Com mais experiência, no ano de 2018, fiz novamente a prova do Enem, porém não fiz o

⁸ FIDA - Festival Internacional de Dança da Amazônia, organizado pela Escola de Danças Clara Pinto.

⁹ Dança Pará: Evento realizado pela CIA Arte e Produções, coordenado por Darley Quintas e Mauricio Quintares.

¹⁰ COVID 19: infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global, obtidas de pacientes com pneumonia de causa desconhecida na cidade de Wuhan, província de Hubei, China, em dezembro de 2019. Essa doença ocasionou uma pandemia em 2020 até início de 2021, onde as pessoas do mundo todo, tiveram que ficar em quarentena e isolamento em suas casas, pois sua transmissão era facilmente obtida pelo ar e contato físico com a pessoa infectada, suas prevenções eram o isolamento social e higienização com álcool 70. Mais informações disponíveis no link: <https://www.pcaho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>.

exame de habilidades que é necessário para ingressar no curso, foram momentos difíceis, com pensamentos de desistir do curso. No entanto, uma fala da minha mãe que nunca esqueço, “tu vai sim, eu tenho certeza que ano que vem, tu vai passar!”.

No dia 30 de janeiro de 2019 passei no vestibular no curso que almejava, a Licenciatura em Dança na Universidade Federal do Pará. Com muita felicidade minha família e amigos e a cidade inteira comemoraram comigo. Iniciei a vida acadêmica com foco e determinação e foi um turbilhão de sentimentos e conhecimentos que adquiri neste espaço de ensino, bem como, vivências de várias danças, que só tinha escutado falar, a Faculdade de Dança abriu portas para olhar a dança, feita as margens do rio capim.

Deste modo, a faculdade me agregou muitos aprendizados que prontamente me instigaram aos trabalhos com a dança no âmbito escolar, com foco principal nas danças populares, para o meu Trabalho de Conclusão de Curso. Desenvolvi vários outros trabalhos em oficinas, aulas e criação coreográficas em diversas linguagens da dança, mas percebi que a maior parte foi voltada para o carimbó e danças afro-brasileiras.

Devido as motivações mencionadas acima, veio a procura em compreender mais sobre as danças populares paraenses. Destaco que durante a licenciatura cursei a disciplina de Estágio Docente III, supervisionado pela professora Larissa Chaves, no Curso Técnico em Intérprete-criador da Escola de Teatro e Dança da UFPA - ETDUFPA, na disciplina de Fundamentos da Cultura Popular, lecionada pelo professor Éder Jastes, na época da Pandemia, a qual me possibilitou me aproximar mais dos conhecimentos sobre a dança do carimbó e sua tradição e características.

Outra oportunidade que obtive sobre o carimbó foi na disciplina Manifestações Espetacularidades Brasileiras I e II, lecionada pela professora Maria Ana Azevedo, cuja atividade avaliativa foi solicitado um artigo sobre danças populares brasileiras, a turma foi dividida em grupos, todos foram a campo para realizar a pesquisa, assim, no grupo da disciplina que participei falamos sobre o grupo Cruzeirinho e suas danças, mas que será mais aprofundado na próxima seção de estéticas do carimbó.

O curso de dança mostrou-me além dos conhecimentos sobre dança a importância da pesquisa acadêmica. Pois, os conhecimentos teóricos em dança só foram aflorados em mim neste espaço de ensino aprendizagem que me levou a praticar novos métodos e outros saberes teórico-práticos da dança. Para Ferreira

(2015, p.275) “a dança gera informações, experimentações; a dança transmite motivações, compromissos, evidencia os enredos da vida social”.

Partindo destas evidências, sobre a dança e suas contribuições em minha formação, forma motivadoras e me impulsionaram a apresentar os conhecimentos da dança para outras pessoas, pois vivenciar aquelas experiências de dança no curso, se tornou algo inovador, então para outras pessoas também poderia ser uma prática inovadora sobre a práxis em danças, principalmente nos interiores.

Segundo Isabel Marques (2011, p.102-103). “Essas práticas possibilitam uma inter-relação multifacetada entre corpos, movimentos, mentes, histórias de vida, conteúdos específicos da dança, tanto nas instituições de ensino como em seus espaços de ação sociocultural”.

Deste modo, levar outras pessoas a conhecer essas novas possibilidades da dança, para além da prática em dança, pois os interioranos que praticam dança em alguns municípios têm pouco acesso a novos métodos de dança, a fim de expandir sua arte para outras localidades.

Porém, sabemos que a experiência de vida também é um método importante para a docência em dança, muitos mestres ou responsáveis de grupos de dança não tem formação acadêmica, mas mostram um método de ensino por meio de anos de experiência e de suas práticas aos participantes.

Para Oliveira (2015, p. 270) “Por meio da dança, o homem continuará, sempre, abrindo as janelas da alma, ao saber popular e ao saber acadêmico”. A dança vem abrindo muitos caminhos para os estudos e pesquisas docentes para as atuações dançantes, agregando novos métodos que enriquecem à docência, assim descreverei na próxima seção a minha iniciação na docência em dança.

3 CAPIMENSES: FILHOS DA POROROCA

Navegando com os movimentos das águas mansas do rio Capim, irei abordar sobre a dança no território capimense e seus dançarinos, por meio das práticas e atuações na Companhia de Dança Filhos da Pororoca, as quais contribuíram para as minhas vivências dançantes e me impulsionaram a docência da dança no município. Partindo das práticas das danças folclóricas que marcaram a maior parte da minha trajetória, destaco e contextualizo a dança do carimbó, menciono sua origem, caracterização e práticas da dança, que é evidentemente o fenômeno desta pesquisa.

3.1 Companhia de Dança Filhos da Pororoca

No município de São Domingos do Capim, durante alguns eventos como o Festival da Pororoca, onde obtém movimento maior de pessoas no cotidiano da população, percebe-se que as manifestações artísticas são expressadas na cultura local em eventos na cidade e apresentada com muita espetacularidade.

Na Etnocologia, disciplina que estuda os comportamentos espetaculares humanos organizados, Oliveira (2015, p.1) comenta sobre a dimensão espetacular e diz que: “o espetacular está presente na espontaneidade e no modo com que os brincantes participam de suas práticas seja para homenagear, celebrar ou agradecer, onde o canto, a música, o movimento e o gestual encontram-se interligados”.

O surgimento do Grupo Filhos da Pororoca, foi desenvolvido no município de SDC pelo Coordenador Nelson Amaral¹¹, nos mostrou através das danças folclóricas a importância do lúdico caboclo amazônico e a expressão artística da dança, a companhia Filhos da Pororoca, modificou a vida de muitos jovens Capimenses, por meio das danças folclóricas amazônicas. A origem do nome do grupo surgiu por conta da lenda da Pororoca citada na segunda seção, cujo imaginário dos habitantes da cidade é o marco na representatividade dos capimenses, mostrado na cultura e a identidade das danças folclóricas capimenses. Segundo Campos e Magalhães (2014, p 13) “o folclore é definido como o conjunto de criações culturais de uma comunidade, baseado nas suas tradições”.

¹¹Nelson Amaral: é pedagogo, possui experiência na área de projetos culturais. É coreógrafo e ativista cultural voltado às danças folclóricas.

A companhia de dança revelou diversos talentos no meio da juventude capimense, que apresentou a essência da dança em seus corpos pretos e amazônicos, um modo de sair da vulnerabilidade social e se encontrar na arte/dança. Uma das referências para a elaboração das coreografias e apresentações da CIA foram as Toadas¹², suas movimentações, elementos cênicos, indumentária e maquiagem identitária do grupo, as quais foram desenvolvidas para ser um reconhecimento do grupo, além de movimentos criados pelo grupo, com representatividade e autenticidade.

O grupo teve suas atividades iniciadas em 2017 e permaneceu ativo até 2021. Naquele período, as atividades desenvolvidas procederam-se em ensaios, apresentações e competições em festivais de dança, tais como: o FIDA e o Dança Pará, sempre competindo na categoria Folclore conjunto, nos quais foram obtidos alguns prêmios. Sabe-se que: “na dança popular, o corpo do dançarino executa gestos e movimentos elucidam significados do seu contexto histórico – sócio – cultural, em uma linguagem expressiva e dinâmica” (Azevedo, 2009, p.116). Além disso, o grupo mostrou a determinação e a união, foram de suma importância para provar, a sociedade e a nós mesmos, que um grupo interiorano de dança é capaz de conquistar lugares inimagináveis.

Figura 9 - Cia Filhos da Pororoca.



Fonte: Acervo do grupo, 2018.

A figura 9 acima evidência a interpretação da espetacularidade das danças indígenas, em um ritual guerreiro denominado Marupiara cuja coreografia revela o

¹² Toada: é um estilo de [música folclórica da Amazônia](#) Central que agora está se tornando popular no [Brasil](#). É uma combinação de ritmos tradicionais amazônicos com influência africana e europeia.

ritual de uma tribo indígena Mura, que no rito de iniciação do novo guerreiro da tribo, que faz a passagem da adolescência para a vida adulta. Nesse espetáculo a companhia, expressa em suas movimentações a força do guerreiro amazônico por meio da dança.

O grupo era composto por 30 dançarinos, todos capimenses, adolescentes e jovens que participavam do grupo. O processo de criação desse espetáculo durou três meses. Os figurinos e a maquiagem foram feitos pelos próprios dançarinos. Nesse processo, o grupo demonstrou afetos e respeito por todos que fizeram parte desta jornada de preparação, ensaios e viagens. Segundo Pradier (1995 – 1999, p 28) “existem tantas práticas espetaculares no mundo que se pode razoavelmente supor que o espetacular, tanto quando a língua e talvez a religião, sejam traços específicos da espécie humana.” Assim, pela dança a companhia revelou de forma a espetacular a cultura capimense, com suas lendas, histórias e costumes.

Para Pradier o espetacular refere-se a: “forma de ser, de se comportar, de se movimentar e agir no espaço, de se emocionar, de falar, de cantar e de se enfeitar. Uma forma distinta das ações banais do cotidiano” (Pradier, 1999, p. 24). A CIA também apresentou a lenda do boto, que é bastante conhecida em nosso interior, revelando o cotidiano local por meio das roupas floridas, da lavagem de roupa na beirada do rio e outros aspectos demonstrados nas coreografias da Companhia. Segundo Silva (2022, p.67):

O rio carrega em suas águas canções, poesias, narrativas, mitos e lendas e perfazem o imaginário da população; a onda que percorre o rio provoca devaneios, o que a torna lendárias por guardar relatos dos viajantes e curiosidades científicas. (Silva, 2022, p.67)

Vale destacar que nessa apresentação atuei como protagonista - A Ribeirinha encantada, cujo processo de criação agregou muito aprendizado e vivência na minha prática da dança.

Figura 10 - A lenda do Boto da Cia Filhos da Pororoca.



Fonte: Acervo do grupo, 2018.

O grupo Filhos da Pororoca foi um dos grandes incentivadores do intercâmbio da dança e a visibilidade de novos talentos dos jovens capimenses. Desse modo, agregou outras percepções de mundo para os participantes, pessoas do interior pouco conhecer o fazer Arte/Dança e suas riquezas.

Predominantemente a música é a linguagem da arte mais popular da cidade de SDC, tendo vários cantores conhecidos no município. Desta maneira, a companhia vem mostrar a prática da dança e ingressar neste reconhecimento, se tornando o maior grupo de dança do município.

Destaca-se a importância que o grupo teve para muitas pessoas, principalmente com os jovens do município, ao realizar trabalhos coreográficos além de outras ações culturais e sociais. A CIA mostrou a importância dos afetos entre os participantes, como reflexo de convivência, da dança em conjunto, tornando-se uma grande família. “Família é um grupo de pessoas reunidas com o intuito de compartilhar momentos que serão divididos e produzidos em conjunto” (Moreira, 2018, p. 40).

Partindo dessa união, o grupo aproximou várias pessoas de mim, pessoas que até hoje permanecem ao meu redor na dança. Com o tempo, as minhas habilidades com regência foram ganhando espaço no grupo, mas no período da Pandemia do COVID 19, em 2020 a 2021, atuei como professora para adolescentes do grupo, no entanto, estava mais familiarizada com trabalho com o público infantil e infanto juvenil.

A docência foi uma experiência bem desafiadora para mim. Conseguir compreender, que cada professor tem sua metodologia de ensino. Buscava trazer as melhores estratégias para que os alunos pudessem compreender a movimentação corporal. Trabalhei com a linguagem da dança contemporânea pois, obtive algumas práticas de aulas e estudos na faculdade de dança.

Figura 11 - Grupo contemporâneo da Companhia Filhos da Pororoca de 2020.



Fonte: acervo do grupo, 2020.

O subgrupo de dança contemporânea mostrado na figura 11, era composto por 10 dançarinos, que participavam dos ensaios e apresentações na cidade. Foi uma experiência nova para os componentes, visto que saíram da zona de conforto das danças folclóricas para vivenciarem a dança contemporânea. Para Józse (2011)

A dança contemporânea é uma forma de arte em constante construção e em organização contínua, utiliza de diferentes técnicas corporais, modos de apresentação, pluralidades estéticas, ambigüidades, descontinuidade, heterogeneidade, diversidade de códigos, subversão e multilocalização (Józse, 2011, p. 4).

Figura 12 - Grupo contemporâneo da Companhia Filhos da Pororoca, em apresentação na praça da cidade.



Fonte: Klaryane Pimentel, 2020.

No ano seguinte, foi necessário formar um outro grupo de dança contemporânea demonstrado na figura 12 acima, para isso, foram selecionados novos dançarinos que aos poucos foram se adaptando a esta prática de dança. Como docente, busquei trabalhar jogos de improvisação, para o processo de criação das coreografias, em um trabalho colaborativo, por meio de práticas vivenciados na universidade, no curso de Licenciatura em Dança. Desde modo, Santinho (2013) diz que,

A improvisação auxilia no processo criativo a partir daí, promove a exploração das potencialidades do corpo, mostrando ao dançarino “o quê” e “como” é possível realizar a partir de determinadas partes do corpo e, por fim, alia-se à combinação dessas partes em movimento, despertando a consciência também do movimento corporal (Santinho, 2013, p. 47).

Figura 13 - Grupo contemporâneo da Companhia Filhos da Pororoca.



Fonte: Acervo do grupo, 2021.

Para Strazzacappa (2001), “O indivíduo age no mundo através de seu corpo, mais especificamente através do movimento. É o movimento corporal que possibilita às pessoas se comunicarem, trabalharem, aprenderem, sentirem o mundo e serem sentidos” (Strazzacappa, 2001, p. 69) A dança expressa por meio do corpo gestos e sentimentos; corpo este que está constantemente se movimentando, tal como a companhia com suas danças e gestualidades.

Mas com a mudança de cidade de nosso idealizado, a companhia está temporariamente parada de suas práticas, porém os antigos integrantes buscaram

atividades que os ajudem a praticarem a dança como: aulas de jazz, contemporâneo, danças urbanas e danças regionais.

Figura 14 – 15 - Aulas improvisadas no terminal rodoviário.



Fonte: Klaryane Pimentel, 2023.



Fonte: Klaryane Pimentel, 2023.

Revelo que a companhia foi o local da minha “iniciação” na dança e reconhecimento profissional e uma prática incentivadora para novas pesquisas e descobertas na dança, cujos seus espetáculos trataram das espetacularidades das danças folclóricas capimenses.

No entanto, com a ausência de um grupo de dança no município e as práticas do carimbó, me levaram a ideia do projeto/grupo Carimbolando que foi planejado para trazer para os jovens a prática da dança e ampliar seus conhecimentos sobre o fazer artístico, voltado para a dança do carimbó, assim reavivando a paixão dos jovens pela dança. Mas antes de conhecer o carimbolando, há necessidade de abordar sobre a dança do carimbó.

3.2 Matrizes estético-culturais do carimbó

Vindo desta caminhada dançante das danças folclóricas e de outras linguagens de dança, iniciarei a abordagem a partir da historiografia do carimbó tendo sua origem mesclada pelas culturas e costumes indígenas, africanos e europeus. Assim, Campos (2014) diz que o carimbó é um “gênero musical e dança de origem indígena com influências africanas e lusitanas” (Campos, 2014, p. 21) matrizes estéticas identificadas na cultura paraense.

Sobre matrizes estéticas Bião (2000) diz que é,

[...] possível definir-se uma origem social comum, que se constituiria, ao longo da história, numa família de formas culturais aparentadas, como se fossem "filhas de uma mesma mãe", identificadas por suas características sensoriais e artísticas, portanto estéticas, tanto num sentido amplo, de sensibilidade, quanto num sentido estrito, de criação e de compreensão do belo (Bião, 2000, p. 17).

Assim, a dança do carimbó tem como base os da cultura indígena, africana e europeia, as quais deram o surgimento de vários tipos de carimbó em diferentes regiões do estado ao longo do tempo.

O nome da dança carimbó vem da etimologia da palavra carimbó do tupi korimbó, que significa "pau que produz som. "O termo é a junção de curi (pau) e mbó (furado), tambor feito de um tronco internamente escavado, onde em uma das extremidades é colocado couro curtido" (Fuscaldo, 2015, p. 83).

O carimbó é uma dança da cultura paraense que tem "ritmo único e extremamente sensual, é conhecido como a dança limpa-bancos, pois ninguém conseguia ficar sem dançar" (Campos, 2014, p.23), neste sentido, me senti atraída pela dança ao observar as apresentações do grupo Cruzeirinho de Soure, pois "a simplicidade com a qual se pode dançar faz qualquer pessoa mesmo sem nenhuma vivência, sinta-se atraída e convidada à dançar" (Jesus; Ferreira, 2019, p.5).

Tradicionalmente o carimbó é tocado por mestres, com sonorização ao vivo. "Além do curimbó, outros instrumentos como rabeca, violão, cavaquinho, banjo, flauta, clarinete, saxofone, (sopro), pandeiro, maracas, matracas e caxixi podem fazer parte da apresentação" (Fuscaldo, 2015, p. 84).

Segundo Campos (2014) diz que há:

Três tipos diferentes de ritmos: carimbó praieiro, segmento ritmo que é feito principalmente no litoral do estado que retrata claramente a vida dos pescadores da região; o carimbó pastoril, segmento de ritmos tocados principalmente no arquipélago do marajó que tem influência no convívio dos músicos em fazendas da região; o carimbó rural ou agrícola, mais praticados no Baixo Amazonas, Santarém, Óbidos, Alenquer, que se diferenciam somente nas rimas que retratam o cotidiano de cada localidades. (Campos, 2014, p. 23)

Deste modo, o carimbó tem referências das vivências das pessoas de cada localidade e é ritmicamente representada nas músicas que tratam do cotidiano dos povos da região.

A dança tem em sua indumentária¹³ das damas é composta, por saias do tipo volta ao mundo, com tecidos bem rodado, com estampas floridas, blusa branca e flores na cabeça, dentre outros acessórios como: colares, brincos e pulseiras de sementes. Enquanto, os cavalheiros usam calça pescador branca ou floral e camisa branca de manga comprida. Ambos dançam descalços. É possível pequenas modificações, pois “a indumentária também é característica de cada lugar” (INRC, 2013, p.16).

Figura 16 - Casal de dançarinos do grupo de Tradições Marajoara Cruzeirinho de Soure.



Fonte: Redes Sociais do grupo, Disponíveis em:

https://www.instagram.com/p/C5_1aQWuHpJ/?igsh=bWg3bTRzZmVpd28y.

A espetacularidade da dança se apresenta de duas maneiras: o carimbó que é praticado em locais e comunidades, cujo ensinamento foi transmitido de pais para filhos e o carimbó praticado por dançarinos de grupos parafolclóricos¹⁴ que

¹³ Indumentária: roupa; o que alguém usa para se vestir. Conjunto do vestuário utilizado em determinada época, região ou povo.

¹⁴ Grupos Parafolclóricos: são grupos parafolclóricos que apresentam folguedos e danças folclóricos, cujos integrantes, em sua memória não são portadores das tradições apresentadas.

interpretam as danças populares de vários lugares com coreografias definidas. Sendo assim, “os grupos parafolclóricos trabalham as suas produções coreográficas, pois esses grupos se caracterizam de certas organizações, fundamentadas no estudo do folclore e transmitidas de modo espetacular.” (Azevedo, 2018, p. 11).

A dança acontece na configuração de uma roda, em que os cavalheiros batendo palmas iniciam a dança e a partir daí inicia um jogo de sedução e sensualidade. A coreografia tem movimentos de giros e improvisos.

Segundo Garcia (2022, p.17) a dança é “caracterizada pelo uso do corpo seguindo movimentos previamente estabelecidos (coreografia) ou improvisados (dança livre), com passos cadenciados e é acompanhada ao som e compasso da música, envolvendo a expressão de sentimentos.”

Percebe-se a sedução nos movimentos de giros das saias das damas, já os cavalheiros cortejam as damas como se ela fosse a única da roda, quando dançada em casal, já na dança individual a improvisação de movimentos de giros e gingado do quadril predominam.

Ao buscar mais informação sobre cada gestual do carimbó, os estudos apontam que, “na dança em pares ou mesmo individualmente com gesto, palmas e estalar dos dedos, além dos padrões melódicos, estaria a influência ibérica” (INRC, 2013, p.14). Também há a dança do carimbó que retrata a fauna da região, como o carimbó do peru, do macaco, a dança da onça dentre outras danças do carimbó, que trazem elementos da natureza.

Nesse aspecto, “alguns estudos apontam para a influência indígena observada na dança em forma de roda e em alguns instrumentos de percussão como as maracas” (INRC, 2013, p.14). Traços comuns na dança, sendo a maioria das vezes dançado em roda, também utilizando as maracas que são constituídas com uma cabaça seca e oca e dentro se tem algumas pedras, sementes ou caroços e um cabo de madeira, geralmente feitos artesanalmente, sendo utilizada em festejos, cerimonia, ritos, dentre outros.

O carimbó ou batucada era uma dança que chegou a ser proibida na época dos senhores no século XVII e XVIII, e por este motivo eram feitas nos terreiros escondido pelos povos escravizados, assim como a capoeira e outras formas de diversão, “trazendo no batuque, na aceleração do ritmo e no “molejo” da dança estaria a

contribuição do negro” (INRC, 2014, p.14). A dança do carimbó movimenta o quadril e o corpo todo, sendo bastante presente nas danças de origens dos povos escravizados.

Pesquisando sobre o carimbó em SDC, encontrei os Povos da PROAGA- Programa de Garantia da Atividade Agropecuária, são povos unidos pelo rio Capim, que se compõem de grupos de comunidades quilombolas próximos umas das outras nesta região, mas falaremos especificamente da comunidade de Taperinha que se encontra no entorno do Engenho Aproaga, onde encontra-se um grupo de dança denominado Flor da Terra, que se apresenta em eventos e festejos religiosos na comunidade.

O grupo de dança do quilombo de Taperinha é composto por moças que interpretam as danças da comunidade quilombola. Neste sentido, entendo que “das comunidades quilombolas aponto a ginga dos quadris, o jogo malicioso entre parceiros e casais, talvez oriundos dos capoeiristas, considerando que no Pará havia grande inserção destes no carimbó” (Jastes, 2012, p.173).

A dança carrega em sua história a forte influência, principalmente dos negros escravizados, que por um bom tempo foi oprimido de suas práticas culturais e religiosas pelos senhores. As danças chamadas de batucadas eram proibidas de serem realizadas neste território.

Os Quilombolas de SDC são descendentes de negros escravizados da região de rio Capim, que até os dias atuais desenvolvem práticas herdadas pelos seus ancestrais, “os povos de PROAGA realizam cotidianamente a invenção criativa de suas práticas agrícola, econômica, sociais, culturais” (Martins, 2014.p, 57). Observando este grupo de dança, tive mais um incentivo para desenvolver as práticas com o grupo de carimbó na cidade, para mostrar a valorização das danças afro-brasileiras em SDC. Destaca-se como uma cidade com habitantes de descendência preta e que mostra em seus traços identitários do interior.

Figura 17 - Dona America, uma das pioneiras do quilombo da Proaga de SDC.



Fonte: Klaryane Pimentel, 2024.

Vale lembrar a vivência que obtive com um dos grupos que priorizam a herança da dança do carimbó dos seus ancestrais, a figura17 mostra a pioneira dos povos quilombolas do município de SDC. A oportunidade surgiu na disciplina Manifestações Espetacularidades Brasileiras II, do curso de Licenciatura em Dança, ministrada pela professora Maria Ana Azevedo de Oliveira, cuja atividade avaliativa foi escrever um artigo sobre uma dança popular, a partir de uma vivência de campo. Assim, no grupo que participei, escolhemos como fenômeno de pesquisa, o grupo de tradições Marajoara Cruzeirinho do município de Soure, no Marajó, o que me proporcionou conhecer a cultura marajoara.

A pesquisa iniciou, saindo de Belém de barco para Soure, até chegarmos na Casa Cultural do Grupo Cruzeirinho, observamos o espaço, enquanto os músicos tocavam os curimbós, os dançarinos realizavam movimentações corporais, que embora sejam as mesmas percebidas em outros grupos, havia uma singularidade nos corpos que dançavam o carimbó naquele espaço. No decorrer do encontro, foram chegando turistas que deram um pequeno valor colaborativo para assistir/participar do encontro.

Após o aquecimento corporal, iniciou-se a dança do carimbó, interpretada pelos dançarinos do grupo. Vale ressaltar que, antes de cada dança, a dona Amélia, responsável e diretora do grupo, fazia uma fala contextualizando e apresentando o que seria dançado pelos dançarinos.

No primeiro momento, a dança em casal foi desenvolvida em roda, e em seguida se transformou em uma grande festa individual, mais ao mesmo tempo coletiva, vários movimentos de braços e saias no espaço, em uma energia envolvente que atrai o público, que observa a dança do carimbó. O ritmo do carimbó era perceptível na marcação dos pés, que não eram as mesmas que vemos na capital. Dona Amélia nos relatou que “na ilha de Marajó, o carimbó tem pisadas arrastadas, com pés espalmados no chão, sem meia ponta dos pés” (Depoimento datado em 11/11/2022).

Dona Amélia ressalta a importância do Mestre Preto Juvêncio e ensina que o carimbó pastoril, aquele das fazendas do Marajó, trazidos pelos escravos bantos, é herança do carimbó dançando nas fazendas.

Figura 18 – 19 - Fotos com o grupo Cruzeirinho de Soure



Fonte: Gabriela Figueiredo, 2023



Fonte: Gabriela Figueiredo, 2023 2022.

A batida do tambor era contagiante e fez todos que estavam ali dançarem, ao som de uma música autoral do grupo, e nossa reação corporal foi por uma saia e experimentar o carimbolar. Após o carimbó, dona Amélia começou a contextualização do Lundum Marajoara¹⁵, o relato foi importante para o enriquecimento da pesquisa das danças populares, o que nos fez compreender que “essa prática possibilita uma inter-relação multifacetadas entre os corpos, movimentos, mentes, história de vida,

¹⁵ Lundum Marajoara: dança originária do batuque dos negros, ritmos cadenciados de andamentos lentos, dançada em casal com movimentos reboçados. Ambos dançam descalços fortemente dançado nas regiões da Ilha do Marajó.

conteúdos específicos da dança, tanto nas instituições de ensino como em seus espaços de ações socioculturais” (Marques, 2011, p.103).

Portanto, foram momentos de muitos aprendizados sobre a dança do carimbó. Entusiasmada ainda mais com a dança, busquei elaborar um projeto para desenvolver no município de SDC, a fim de aplicar o ensino-aprendizado do carimbó como prática corporal que retrata o cotidiano da comunidade local.

Para isso, foi necessário compreender as matrizes estéticas do carimbó. Os pés descalços do carimbó de Soure e cheia de vivências dançantes me inspiraram a conceber uma pesquisa sobre o carimbó, como Trabalho de Conclusão de Curso, fenômeno este que será relatado na próxima seção.

4 CARIMBÓ NA POROROCA: ENSINO-APRENDIZADO E ESPETACULARIDADE

A pororoça é a onda grande que surgiu dos encontros das águas dos rios. Assim como a pororoça, esta seção foi desenvolvida por meio do surgimento de novos caminhos e olhares para o ensino-aprendizado das práticas da dança do carimbó, velejados pelas minhas trajetórias acadêmicas e pessoais, fundamentada pelos conhecimentos da Etnocologia. Neste sentido, será necessário mergulhar nas vivências do grupo carimbolando e nas possibilidades do aprendizado da dança do Carimbó, por meio dos encontros do grupo, com experimentações teóricas e práticas sobre o carimbó, orientados por mim. A partir disso, apresento a espetacularidade das coreografias e apresentações do grupo na cidade de SDC.

4.1 O Grupo Carimbolando: ensino-aprendizagem

Compreendo que a prática da dança durante a minha trajetória vem contribuir para tecer este trabalho, principalmente pelo fato de ser pesquisadora-participante, em atuação nas danças populares no município de São Domingos do Capim. Desse modo, tendo como porte teórico a Etnocologia, Moreira (2018) diz que

[...] o artista – pesquisador – participante não procura traçar uma relação de distanciamento entre o pesquisador e a pesquisa, pelo contrário, impulsiona o pesquisador a mergulhar nas suas próprias práticas, fazeres, traçando relação muito próximas e particulares na execução da pesquisa (Moreira, 2018, p. 15).

Neste sentido, o Grupo Carimbolando surgiu das vivências e inquietações que obtive no decorrer desta jornada acadêmica. O nome do grupo foi denominado a partir do projeto Carimbolando que se desenvolveu tendo como público alvo os jovens, a fim de demonstrar a relevância da dança do carimbó, pois no município não havia nenhum grupo de dança especificamente de carimbó. Vale frisar que por meio deste projeto conseguimos estruturar o grupo no município.

O grupo contém dez participantes e seis pessoas como apoio, para desenvolver as produções e teve apoio financeiro da Fundação Cultural do Estado do Pará, por meio da contemplação de um edital - Prêmio FCP, de pesquisa e experimentação para artistas no ano de 2023.

No entanto, foram percorridas várias etapas para a criação desta equipe. Inicialmente, foram selecionados os dez dançarinos para compor este grupo por meio de uma chamada nas redes sociais e em outras mídias. Foi fundamental os mesmos residirem em SDC, pois o projeto foi realizado para o município e os encontros mostrado na figura 20, foram em um espaço da cidade, alugado especificamente para esta prática.

No total, foram dezenove encontros divididos entre atividades práticas e teóricas, com duração de duas horas, para as vivências dos dançarinos sobre a dança do carimbó.

Figura 20 - Apresentação do projeto para os participantes.



Fonte: Vinícius Passos, 2023

O Projeto Carimbolando trabalhou com a dança o carimbó – dança popular paraense, como forma de fortalecer e valorizar a identidade das danças deixadas por nossos ancestrais, a fim de apresentar a potencialidade da nossa cultura, assim como as contribuições históricas e heranças ancestrais dos povos. “O carimbó atravessa o tempo e permanece uma cultura de resistência” (Bogéa, 2019, p.19), engrandecendo as raízes amazônica-capimense na dança.

O Projeto iniciou com uma reunião com a equipe, que organizou e elaborou as estratégias e o cronograma para a realização das etapas a serem desenvolvidas. Essa organização foi de suma importância para a concretização da proposta do grupo de carimbó.

Em seguida, foi feita a chamada de dançarinos para compor o grupo. Um dos critérios foi de serem jovens residentes de São Domingos do Capim, com a finalidade de ter no grupo dançarinos da Companhia Filhos da Pororoca, projeto que atualmente está parado. Outro critério foi que o candidato tivesse algum contato com a dança, para um reavivamento da dança no município. A efetivação desse projeto levou em “conta a carência que a comunidade tem em relação as atividades da natureza da arte e da dança ser muito apreciada por adolescentes e jovens da comunidade” (Garcia, 2022, p.17).

Após a seleção dos jovens capimenses e a realização do primeiro encontro, seguimos com algumas apresentações dos participantes por meio de mostras de danças livre mostrado na figura 21. Momento importante para a autonomia e criatividade dos jovens selecionados.

Figura 21 - Primeiro encontro do grupo e apresentação dos participantes.



Fonte: Klaryane Pimentel, 2023.

Depois disso, os encontros ocorreram por meio de pesquisas e experimentações com o carimbó, a fim de compreender seu surgimento. Vale destacar que foi enfatizado que o carimbó se tornou Patrimônio Cultural Material e Imaterial do Brasil. Segundo a INRC (2013) o carimbó é,

[...] resultado da união das influências culturais de índios, negros e europeus (portugueses), o carimbó é comumente divulgado como uma das mais significativas formas de expressão da identidade paraense e brasileira, já que estas

referências estariam presentes de forma integrada no canto, na música, na dança e na formação instrumental (INRC, 2013, p.14).

O carimbó é uma dança tradicional especificamente da região Norte, no estado do Pará. Sofreu modificações ao longo do tempo, algumas utilizadas até os dias atuais. Assim, “a multiplicidade estética do carimbó acompanha a história e se dilui entre a dança, a música e a visualidade. A manifestação também se divide em estilos, como “carimbó tradicional” (ou raiz), “chamegado” e o “carimbó moderno” (ou estilizado, elétrico etc.)” (Jesus; Ferreira, 2019 apud Ferreira, 2015, p. 4 – 5).

Entendo que o carimbó moderno se constitui de coreografias pré-determinadas e sincronizadas com a melodia ou letra da música modernizada do carimbó. São mais praticados pelos grupos parafolclóricos e grupos de dança, para apresentações da cultura paraense em determinados locais ou eventos e para o palco. Os “grupos parafolclóricos ou grupos institucionalizados, possui coreografias exatas e vestimenta específicas” (Fuscaldo, 2015, p. 84).

No entanto, para a pesquisa recorreremos ao carimbó tradicional, para entendermos o moderno, para em seguida fazer a relação de ambos os estilos de carimbó. Para isso, utilizamos textos de Milton Jesus e Rousejanny Ferreira (2019), *Carimbó: um movimento cultural brasileiro*; o texto do site Mundo Educação de Miguel SOUZA (2022), *Carimbó* e Textos do site Wikipédia, *Carimbó*.

Figura 22 - Leitura de textos sobre carimbó nos encontros



Fonte: Vinícius Passos, 2023.

Sabe-se que o carimbó moderno surgiu por meio de novas músicas e composições na década de 1970, as quais acrescentaram novos instrumentos e novos arranjos. “[...] destacam-se, dentre muitos outros, os poetas e compositores Ruy Barata e seu filho Paulo André Barata” (INRC, 2013, p.101), conforme a letra da música *Esse rio é minha rua*, que diz:

*Esse rio é minha rua
Minha e tua, mururé
Piso no peito da lua
Deito no chão da maré (bis)*
(Paulo André e Ruy Barata, 1978).

Como o surgimento de poesias e músicas sobre o carimbó muitos outros artistas se inspiraram. Nas décadas de 70 e 80, o carimbó chega “as rádios, programas de televisão, festas sociais, apresentações e shows” (Bogéa, 2019, p. 120). Neste sentido,

[...] como marco mais notado dos processos que concorreram para o iconização do carimbó, observa-se os empreendimentos realizados pelo músico Pinduca, que no início dos anos 1970, com seu conjunto dedicado à apresentação de gêneros populares em voga – bolero, merengue, mambo, samba – canção, passou também a incursionar pelo carimbó, divulgando o ritmo em sua “versão”, segundo o próprio artista, mais “modernizado”, ou seja, utilizando-se os instrumentos como guitarra e contrabaixo elétricos, banjos e bateria (INRC, 2013, p.101).

Além do Pinduca, outros nomes conhecidos como mestre Verequete e mestre Cupijó são vozes que marcaram e que até hoje são lembrados por meio de seus carimbós. “A história do carimbó que é frequentemente atualizável nas danças, sonoridades e visualidade, figura-se como um movimento cultural em constante renovação” (Jesus; Ferreira, 2019, p.5).

Segundo Fuscaldo (2015, p. 85), “o carimbó urbano resultou do processo de popularização do carimbó na capital paraense partir de 1970, dentro de um contexto de modernização estética e difusão de seus ritmos através de meios de comunicação de massa”.

A dança ganha novas características pelos grupos de carimbó, alguns compostos somente por mulheres, outros grupos por crianças ou até mesmo como dança individual, com movimentos improvisados ou pré-determinados

(coreografados) conforme a melodia ou a letra musical do carimbó, pelos grupos parafolclóricos. O carimbó passou a ser dançado principalmente “em algumas cidades interioranas, como Santarém Novo, Marapanim, Curuçá, Vigia e municípios da região dos campos da ilha do marajó” (INRC, 2013, p.32).

Partindo dos encontros e dos estudos sobre a dança do carimbó, foi possível compreender as movimentações e as músicas. Bem como, os estudos apontaram que a dança era praticada na folga dos trabalhadores do interior. Desta forma, ficou evidente a importância do debate sobre os conteúdos do carimbó. Assim, o grupo obteve novas percepções sobre a dança e sua origem. “como é interessante ler sobre o que vamos vivenciar na dança” (Depoimento de Amilton Moreira, 2023).

Portanto, os conhecimentos teóricos foram bastante pertinentes em nos encontros, trazendo conhecimentos sobre a dança herdada pelos ancestrais, uma vez que foi o primeiro contato dos participantes com a teoria ou com a história da dança.

4.1.1 Vivências: Os laboratórios de criação

Nos primeiros encontros do grupo foram realizadas leituras de texto sobre o carimbó, como citado na subseção anterior. Em seguida, partimos para as vivências corporais, que incluíram laboratórios e exercícios de movimentação que focados nos elementos da natureza mencionados nas letras das músicas como: rio, floresta, cidade, interior, mururé, terreiro e outras por meio da improvisação a fim de perceber e experimentar movimentos corporais.

Dessa forma, os conteúdos trabalhados na vivência da dança no carimbó também partiram pelos níveis (alto, médio e baixo) e laboratórios teatrais de interpretação de sentimentos, a fim de preparar o corpo para a espetacularidade do carimbó. A espetacularidade é a noção-chave dos estudos da Etnocenologia, segundo Bião (1999),

A Etnocenologia se inscreve nas vertentes das etnociências e tem como objetivo os comportamentos humanos espetaculares organizados, o que compreende as artes dos espetáculos, principalmente teatro e a dança, além de outras práticas especulares não especificamente artísticas ou mesmo sequer extracotidianas (Bião, 1999, p. 15).

Assim, compreendo que a espetacularidade cultural do cotidiano da comunidade de SDC, será ressignificada na dança do carimbó por meio do corpo dos dançarinos,

nos movimentos dos pés, braços, cintura pélvica e expressões corporais. Segundo Marques (2011, p. 103 - 104) é por meio do corpo que somos capazes de “perceber, experimentar e entender o quê, onde, como e com quem/o que o movimento acontece”.

A primeira experimentação corporal com os participantes foi a marcação dos pés, o que significa dançar arrastando os pés, com a planta toda do pé no chão, para o fortalecimento dos pés e para a percepção de pisar descalço no solo, trazendo a energia da terra, rememorando o movimento corporal dos indígenas que dançam descalços e em roda.

Figura 23 - Dinâmica – Marcação dos pés



Fonte: Vinícius Passos, 2023.

Depois, foi acrescentado o movimento do quadril, a fim de remeter as danças de matrizes afro-brasileiras, que apresentam molejo no quadril. Na sequência foi acrescentado a movimentação dos braços, desenhando círculos, girando com eles levantados, levando na lateral, o pegar na saia. Desse modo, fomos acionando essas ações do corpo que dança o carimbó, dança popular que em:

Cada gesto, cada expressão, cada postura transmitem mensagens codificadas das histórias desses povos, e são interpretados como suas identidades, como arte que é extravasada em seu cotidiano; são memórias individuais que embalam lembranças, que se transformam em memória coletivas, férteis de imaginário, carregados de símbolos característicos de sua diversidade (Jastes, 2012, p. 37).

Figura 24 e 25 - Experimentação – níveis espaciais.



Fonte: Vinícius Passos, 2023.



Fonte: Vinícius Passos, 2023.

As figuras 24 – 25 acima mostram como foram desenvolvidas as experimentações dos níveis espaciais por meio de movimentações do carimbó no espaço da sala. Além disso, as movimentações foram realizadas de modo improvisado e livre. Para Santinho (2013),

A improvisação se tornou uma possibilidade riquíssima de trabalho e possibilita não apenas o conhecimento do corpo e a exploração de movimento como colabora significativamente com a composição coreográfica, na medida em que abre caminhos para novas possibilidades da cena e em sua preparação (Santinho, 2013, p. 46).

A improvisação enriquece a investigação e a conscientização dos movimentos da dança. “Conhecimentos das estruturas e funcionamento do próprio corpo que estão presentes nas conexões com movimento” (Marques, 2011, p.101). Também foram feitas experimentações com os braços.

Figura 26 e 27 - Experimentação de movimento dos braços na dança do carimbó.



Fonte: Vinícius Passos, 2023.



Fonte: Vinícius Passos, 2023.

Os encontros seguiam uma sequência dinâmica no início para que todos pudessem ficar descontraídos mostrado nas figuras 26 – 27, depois eram feitos os alongamentos e aquecimentos corporais, para despertar os músculos e as articulações do corpo. No momento seguinte, partiu-se para a criação e elaboração da coreografia, em coletivo.

Para compor as coreografias foram acrescentados elementos cênicos utilizados como símbolos representativos da cidade. Então, foram levados para o laboratório de experimentação com objetos cênico a Cuia¹⁶ e o Barco de Miriti¹⁷.

A Cuia representa a culinária, pois é um utensílio doméstico, um recipiente que os indígenas usavam para pôr os alimentos, assim na cidade de SDC também é muito utilizada. Já os Barco de Miriti são símbolos da cidade, pois ao chegamos na cidade, as pessoas precisam atravessar primeiramente pelo barquinho, denominado de barco popopô, assim, foi possível trazer o cotidiano da cultura capimenses para a apresentação do grupo.

Figura 28 - Objeto cênico Cuia



Fonte: Klaryane Pimentel, 2023.

Figura 29 - Objeto cênico Barco de miriti.



Fonte: Klaryane Pimentel, 2023.

¹⁶ Cuia: Também chamada de cabaça, coité, cuieté ou cuité – é o fruto da Cuieira, um tipo de árvore muito comum nas regiões Norte e Nordeste do Brasil. Seu fruto maduro, depois de esvaziado o miolo, é usado para fazer a cuia e é utilizada para colocar alimentos como açaí, tacacá e outros.

¹⁷ Barco de Miriti: produzido a partir da palmeira de miriti. Produzido artesanalmente e por isto está sujeito à variação de cores e texturas, além de pequenas diferenças em suas dimensões, há também outros produtos feitos com de miriti. A produção dos objetos de Miriti envolve centenas de famílias na região do Pará com renda e continuidade na tradição através da valorização da cultura do artesanato regional.

Segundo Jastes (2012, p. 171) “o cotidiano ressignificado, reelaborado no corpo conta as histórias dos caboclos”. Para a criação das danças de carimbó buscou-se ações do cotidiano para representar o povo que mora longe da grande metrópole e que trabalha perto dos rios, da floresta.

Vale destacar que nesse processo, as experimentações foram feitas com percussão – ao som da batida do tambor. No carimbó “o tambor é instrumento de combate e, como instrumento de fé e do lazer” (Bogéa, 2019, p.116).

Ao som do atabaque (tambor) pulsavam os primeiros movimentos ainda improvisados. Durante a experimentação, a entrega do corpo foi fundamental, bem como o acionamento de contatos dos casais, pois o carimbó pode ser dançando sozinho como também pode ser dançado em casal.

Com o objetivo de somar com a prática corporal dos dançarinos do grupo, foram ofertadas duas oficinas: uma de percussão ministrada por Douglas Corrêa¹⁸ e outra de cenografia, ministrada por Ingrid Gomes¹⁹.

¹⁸ Douglas Corrêa: Produtor cultural, coreógrafo, músico multi-instrumentista, integrante do ministério de dança Fruto do Espírito, integrante do ministério de louvor Betel, integrante do (CDE) Corpo de Dança da ETDUFPA. Graduando em licenciatura em Dança pela UFPA. Graduado na corda azul de capoeira pelo Instituto de Desenvolvimento Cultural Marimbau Dendê Capoeira.

¹⁹ Ingrid Gomes: Educadora social, performer, encenadora, dramaturga e produtora cultural. Mestranda em Artes pelo PPGARTES-UFPA. Licenciada em Teatro pela UFPA. Especialista em Análise das Teorias de Gênero e Feminismos na América Latina pelo IFCH - UFPA. Pós-graduanda em Gestão Cultural Contemporânea - Itaú Cultural. Idealizadora da Pororoka Produtora. Desenvolve pesquisas em Artes Cênicas sob perspectiva do Feminismo Decolonial.

Figura 30 e 31 - Experimentação Percussão - tambor.



Fonte: Vinícius Passos, 2023.



Fonte: Vinícius Passos, 2023.

A oficina de percussão, trouxe uma vivência importante para o processo de experimental apresentada nas figuras 30 e 31. Naquele momento, os movimentos foram induzidos pelas batidas sonoras e por palavras conectadas a fauna e a flora, como: mururé, rio, criaturas das águas. Para Jastes (2012, p.125)

O ritmo atrai, envolve e encanta pela alegria, que explodem um gestual, simbolizando o cotidiano ancestral ou o moderno, e ressignificado por quem vive e interage nesse mundo de rios e florestas, onde a fauna e a flora influenciam a vida e o imaginário caboclo (Jastes, 2012, p.125).

A oficina de Cenografia teceu um diálogo muito importante com o processo de pesquisa. Ingrid Gomes levou materiais comuns da cidade tais como: talas de miriti, folhagens e outros já são conhecidos pelos dançarinos. A atividade proposta aos dançarinos foi desenvolvida para a criação de desenhos até a construção dos estandes que foram utilizados na cenografia para a apresentação final do projeto mostrada na figura 32 abaixo.

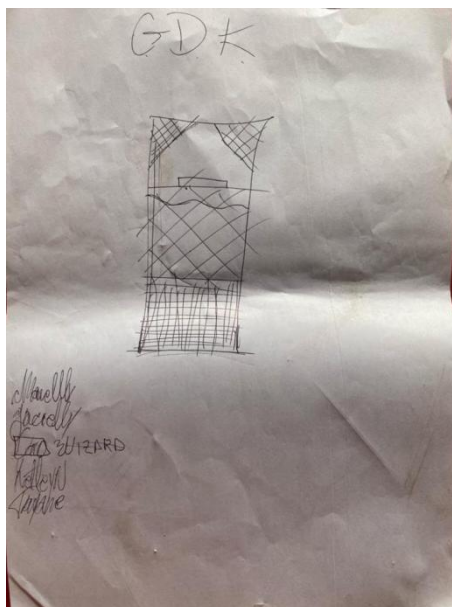
Figura 32 - Oficina de Cenografia do projeto.



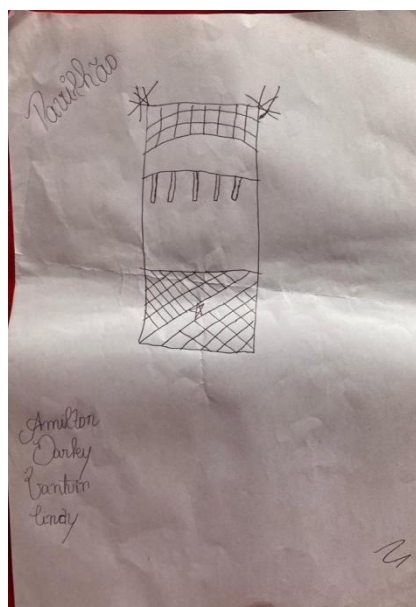
Fonte: Vinícius Passos, 2023.

Do miriti, são feitos barcos e diferentes esculturas de animais, casas e brinquedos. Este material se encontra no município de SDC e os trabalhos com miriti são feitos pelas famílias e pessoas da comunidade da cidade. Além disso, é fonte de renda para muitas pessoas nos interiores e em São Domingos do Capim.

Figura 33 e 34 - Desenhos dos estandes.



Fonte: Klaryane Pimentel 2023.



Fonte: Klaryane Pimentel 2023.

Após a criação do desenho, o grupo passou a elaborar os materiais que seriam usados para a confecção dos estandartes. Para isso, foram utilizados tecidos florais

- chita, fitas de cetim, buchas de miriti, tesoura e estiletes, para compor a espetacularidade do grupo em suas apresentações.

Figura 35 - Estandes de Miriti.



Fonte: Vinícius Passos, 2023.

Compreendo que desde a primeira atividade do laboratório, que partiu da leitura de textos ampliou ainda mais o meu conhecimento no campo acadêmico, bem como para os demais dançarinos do grupo. Para Marques (2011, p.106) “o conhecimento inclui os elementos histórico, culturais e sociais da dança como história, estética, crítica, sociologia, antropologia, música, assim como saberes de anatomia, fisiologia e cinesiologia [...]”.

Percebe-se que os laboratórios que foram realizados pelos dançarinos não é uma prática na dança, principalmente nos interiores como São Domingos do Capim. Assim, a atenção recai para o dançar, o repetir e atuar. No entanto, observei que os laboratórios foram importantes pois foi possível compartilhar conhecimentos e inspirar futuros pesquisadores em dança.

4.2 A espetacularidade do carimbó: o Grupo Carimbolando

A dança do carimbó tem suas espetacularidades independente da região ou localidade do estado do Pará, em que encontra. Sinaliza-se que a espetacularidade,

conforme Bião (2007, p. 35) está “destinada a designar o que chama, atrair e prender o olhar”, sendo assim a dança como expressão artística é um espetáculo para se ver.

Para Pradier (1999, p. 24) o espetacular é “uma forma de ser, de se comportar, de se movimentar, de agir no espaço, de se emocionar, de falar, de cantar e de se enfeiar. Uma forma distinta das ações banais do cotidiano”. O espetacular se encontra principalmente nas danças populares como o carimbó, para isso, irei abordar sobre as coreografias apresentadas pelo grupo Carimbolando de São Domingos do Capim, que é composto por cinco casais de dançarinos.

O grupo se apresenta em eventos escolares, religiosos e em espaços públicos do município. As coreografias foram criadas como resultado dos laboratórios de experimentação de movimentos citados na subseção anterior, assim os movimentos foram progredindo em coreografias que são utilizados nas apresentações do grupo.

Uma das coreografias dançadas pelo grupo foi o Improviso do Carimbó, coreografia que segue o carimbó tradicional e é efetuada em casal, onde todos entram no espaço segurando na mão do seu parceiro ou parceira e fazendo uma roda, em roda um dos dançarinos bate palma e as damas cumprimentam, inclinado o corpo para frente e em seguida saem de mão dada ocupando o espaço, fazendo movimentos improvisados, mas pré-determinados, bailando pelo salão com a sensualidade e encantaria de movimentos harmônicos e contagiantes aos olhos de quem ver. Para Jastes (2009) o carimbó é,

Um diálogo corporal, no qual o casal, no desenrolar da trama gestual, traduz a simbologia de movimentos corporais de forma espontânea, ou mesmo inconsciente, mas que já está institucionalizada no jogo sedutor de movimentos de braços, mãos, quadris, giros, sapateios e olhares (Jastes, 2009. p.40).

A outra composição coreográfica foi chamada de Carimbó da Pororoca sua denominação traz a pororoca que tem grande representatividade na cidade e foi a mais apresentada pelo em eventos, com duração de três minutos. A coreografia inicia com os dançarinos adentrando o espaço, com a sonoridade de correntezas de águas, executando movimentos fluidos com os objetos cênicos citados na subseção anterior.

Em seguida, a gestualidade embarca nos ritmos do carimbó moderno, com a música cantada pelo compositor Ireson Capim Show, também natural de SDC, ao som da música carimbó da pororoca. Para Jastes (2009, p. 44) “O ritmo atrai, envolve

e encanta pela alegria, que explode em um gestual simbolizando o cotidiano ancestral ou o moderno, ressignificado por quem vive e interage nesse mundo de florestas, no qual a fauna e a flora influenciam a vida e o imaginário caboclo”. Esta música dançada pelo grupo e popularmente conhecida pelos capimenses, descreve a cidade, a cultura e o cotidiano, cantados em seus versos.

A coreografia avança com os dançarinos formando uma roda, intercalando cavalheiros e damas, depois fazem o mergulho no ar, seguindo para duas filas vertical, uma de damas e outra de cavalheiros, vindo em um só sentido para frente e girando várias vezes no mesmo lugar, todos para o mesmo sentido.

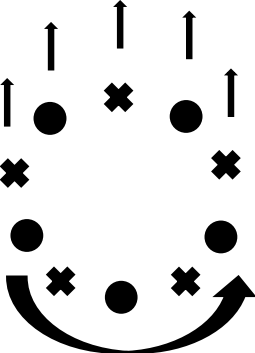
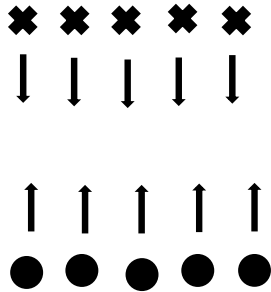
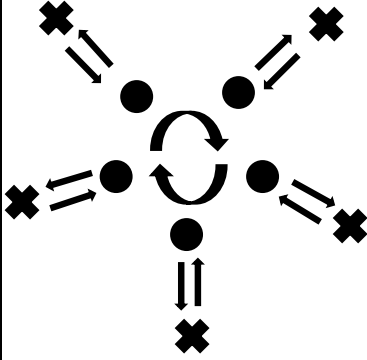
Em seguida, as filas de damas e a outra de cavalheiros, se cruzam fazendo movimentos de remar dos cavalheiros ajoelhados a frente e as damas movimentado suas saias floridas, assim, a coreografia segue formando filas e rodas com movimentos síncronos e outros improvisados, sendo sempre a contagem de oito movimentos e troca de casal em determinado tempo da música, em alguns momentos a dança se torna individual e ao mesmo tempo coletiva, tornando a dança do carimbó mais dinâmica.

A espetacularidade final acontece quando os dançarinos se posicionam em semicírculo com as damas de joelhos, executando movimentos de onda e maresia com suas saias e os cavalheiros em pé imitam com os braços movimento das ondas para a demonstração do fenômeno da Pororoca, conforme demonstrado na figura 37 e, assim, a coreografia é finalizada.

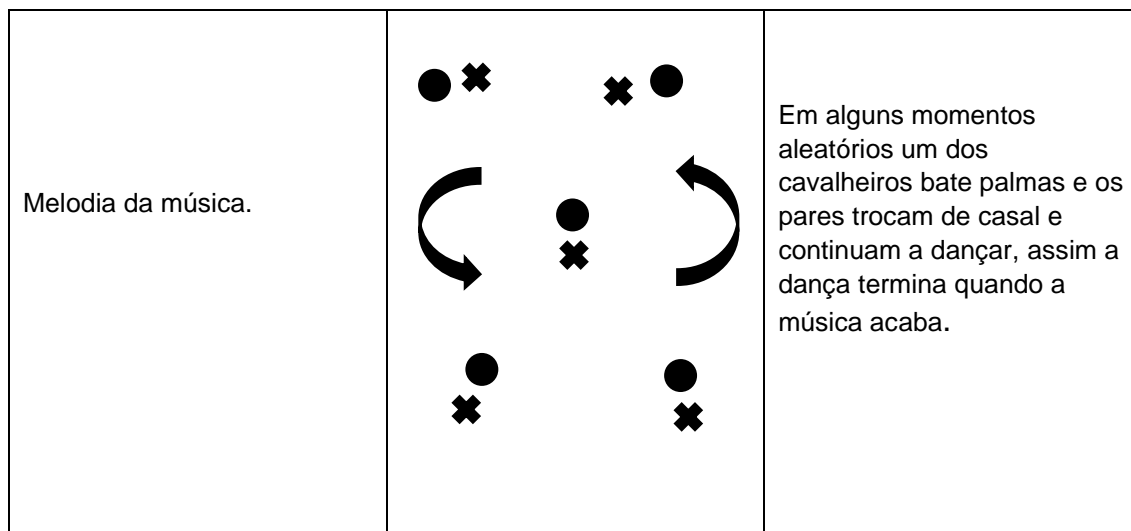
Segundo Jastes (2009, p. 47) na dança do carimbó “seus movimentos retratam o contexto em que seus intérpretes convivem e interagem. Coreografias surgem da criatividade caboclo, com formações simples de círculos, fileiras, colunas, podendo ser em pares, em grupos, dispersos ou com solista”. Para a melhor compreensão das coreografias citadas, foi desenvolvido um Croqui Coreográfico, com um quadro descrevendo as coreografias.

Figura 36 - Croqui coreográfico.

MÚSICA	CROQUIS COREOGRÁFICOS	DESCRIÇÃO COREOGRÁFICA
--------	--------------------------	---------------------------

<p>LETRAS: Iresom Capim Show. MUSICA: Carimbó da Pororoca.</p>	<p>● :Damas; ✕ :Cavalheiros; ➤ : Giro pela direita; ➤ : Giro pela esquerda; ↑ : Trajetória de ida; ↓ : Trajetória de volta;</p>	<p>EVOLUÇÃO: Gestual da coreografia do grupo, croqui preparado para apresentação em espaço tipo arena.</p>
<p>Eu amo minha cidade chama de são domingos do capim. Preservo com todo carinho, com todos os meninos que estão por aí. Falando da pororoca que todos aqui vêm admirar.</p>		<p>Os dançarinos se juntam em uma roda intercalando dama e cavalheiro e em seguida todos giram sentido da roda para a direita e depois caminham para outra direção de ida para uma fila um ao lado do outro, separando cavalheiro e dama.</p>
<p>Nela vêm os três pretinhos nadando no rio de Capim e Guamá. Moleques na praia para pegar, e todos aqui esperando o momento que ela passar. Veleiros lá fora, homens a remar, pegando as marolas pegando os carrinhos das ondas do mar.</p>		<p>Indo para outra formação, em filas de dama e cavalheiro, ambas trocam de lugar fazendo movimentos com braços e depois fazer uma outra formação em fila para fazer uma roda.</p>
<p>Mas eu não saio daqui, quando essa onda passar, vou lá na matriz, pedir a são domingos pra não demorar. Mas eu não saio daqui, quando essa onda passar, a maré encheu, todo mundo banhando na beira do cais, 2x</p>		<p>Em roda os casais trocam de lugar fazendo movimentações de braços e corpo, também giram em formato da roda para direita e retornam para esquerda em seis tempo, sendo movimentos improvisados do carimbó.</p>

Solo instrumental		Em seguida todos saem em direções para fora da roda fazendo movimentos de improvisação do carimbó.
A maré encheu, todo mundo banhando na beira do cais, 2x		Finalizando a coreografia em uma meia lua, com as damas de joelhos fazendo mareasias com as saias e os cavalheiros em pé fazendo movimentos com os braços em maresia, para a finalização da coreografia.
MÚSICA: Não tem uma música específica, podendo ser qualquer música dançante do carimbó.	MESMOS SÍMBOLOS DE COREOGRAFIA ACIMA.	EVOLUÇÃO: Gestual da coreografia do grupo, croqui preparado para apresentação em espaço tipo arena.
Melodia da música.		A coreografia inicia em roda com o comprimento e com as palmas de um cavalheiro os casais saem se espalhando pelo espaço para dança com movimentos improvisados, mas já conhecidos da dança do carimbó.



Fonte: Da autora.

Como resultado da pesquisa da dança do carimbó, o grupo iniciou suas apresentações na cidade, dentre elas, no Centro de Referência de Assistência social (CRAS), Raimundo Lopes Ribeiro, no Município de São Domingos do Capim. O CRAS é o local dos idosos do Serviço de convivência, para um público com vulnerabilidade socioeconômica do município. Foi uma grande oportunidade para o grupo apresentar o carimbó para essas pessoas que são tão importantes para nossa história e que já vivenciaram a dança do carimbó. “Jogo apre(e)ndido no observar da dança ancestral de seus avós, de seus pais, de seus tios e de seus parentes não sanguíneos” (Jastes, 2012, p.177).

Figura 37 - Primeira apresentação para os idosos no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) Raimundo Lopes Ribeiro em São Domingos do Capim.



Fonte: Vinícius Passos, 2023.

A indumentária do grupo, conforme figura acima foi confeccionada com tecido de chita. A indumentária das damas era composta de saia bem rodada com 6 metros de tecido cada uma e blusa branca com uma grande flor vermelha no cabelo. Já a indumentária dos cavalheiros era composta de calça preta e camisa de manga comprida branca, aberta no meio. Esta indumentária foi pensada para as apresentações nos eventos que ocorreram de dia.

Outras apresentações foram realizadas como na orla da cidade, na Praça pública. Neste evento, foram convidados cantores e outros projetos já existentes na cidade. Vale destacar, a participação do cantor Irelson Carpim Show, compositor local, da música *Carimbó da Pororoca*, música cuja letra retrata a cidade, fala das águas, dos rios e do fenômeno da pororoca. A composição da música foi acompanhada dos instrumentos como: guitarra, bateria, curimbó, maracas e outros.

Também foram convidados o grupo de capoeira e o projeto B.D.O Batalha da orla, projeto este que vem sendo realizado no município já alguns anos pelo grupo “Dragon Crazy”, grupo de jovens que dançam Break dance²⁰. Entendo que, este evento foi um acontecimento muito importante para apresentarmos os fazedores culturais do Município de São Domingos do Capim.

²⁰ Break Dance: Também chamado de breaking – é um estilo de dança urbana que representa um dos pilares da cultura hip hop. Esse estilo de dança teve origem na cidade de Nova Iorque, no bairro do Bronx. Ele foi criado em 1960, por afroamericanos, latinos e imigrantes da região citada. Disponível no link: [Breakdance: conheça sua história, seus movimentos e fundamentos \(todoestudo.com.br\)](http://todoestudo.com.br)

Figura 38 - Apresentação do grupo para a cidade de SDC.



Fonte: Vinicius Passos, 2023.

A figura acima, demonstra outra indumentária do grupo que é composta com tecido de chita com estampa floral, na qual predomina as cores vermelha e azul. A cor azul faz referência a cor da bandeira do município de SDC e a cor vermelha representa o por do sol, pois no fim das tardes na cidade o céu se torna avermelhado até o sol se por nas margens do rio Capim. As damas usam saia bem rodada e blusa com decote ombro a ombro, flores nos cabelos e maquiagem combinando com as cores da roupa. Enquanto, os cavalheiros vestem calças até o comprimento da canela e camisas de mangas, abertas na frente com a mesma estampa do tecido da indumentária das damas, ambos usam colares de sementes. Esta é a indumentária mais usada do grupo Carimbolando.

A partir dos registros visuais das apresentações, foi composto um vídeo da dança do carimbó nos pontos turísticos da cidade, a fim de demonstrar o município e os diferentes locais nos quais a dança pode estar, não se limitando somente ao palco. Disponível no Link do vídeo a seguir.
https://youtu.be/PkFp4YQi_Bg?si=EChalBMvF_ZrJgSt.

Figura 39 - QR Code do vídeo do grupo.

**QR Code do vídeo do grupo.
Carimbolando.**



Fonte: da autora.

Um dos objetivos do grupo de dança Carimbolando foi que surgiu para demonstrar a relevância da cultura da dança nos interiores, por meio de um trabalho coletivo, a fim de apresentar a espetacularidade do carimbó no município de São Domingos do Capim.

Figura 40 - Apresentação do grupo na praça.



Fonte: Vinícius Passos, 2023.

As vivências que os dançarinos obtiveram com a dança do carimbó, não foram somente para o enriquecimento de seus próprios conhecimentos, mas também para

demonstrar para a comunidade a cultura local por meio da dança e da música os aspectos socioculturais da comunidade.

Realizei entrevistas com quatro dançarinos do grupo, para saber suas impressões, após a vivência na pesquisa da dança do carimbó. Sendo assim, as perguntas realizadas foram: Comente sobre a experiência de participar do projeto carimbolando? Qual aprendizagem você leva desse projeto? Teça considerações sobre o projeto?

Ao serem questionados sobre suas aprendizagens, as falas se inter cruzaram em diversos aspectos, principalmente sobre o que foi mais relevante para cada indivíduo.

Foi uma experiência muito incrível pra mim, muito boa, levo várias lembranças, o que eu levo de aprendizagem desse projeto é sempre procurar estudar aquilo que está participando, nós estudamos onde surgiu o carimbó, de onde começou, tudo aquilo, foi muito importante para mim. A aprendizagem do conhecimento é o que eu levo desse projeto e carinho, muito carinho e afeto pelas pessoas que estavam envolvidas na parte da produção e professores. (Depoimento Amilton Moreira, 16/12/2023).

De acordo com o que disse o dançarino Amilton Moreira o afeto veio com sentimento de união e com a colaboração de todos os envolvidos. Os encontros tornaram-se importante no cotidiano dos integrantes do grupo. Assim,

Foi incrível, foi legal, foi maravilhoso, um projeto incrível pra mim, porque eu já tinha dançado outras músicas outras danças, só que tipo nunca tinha me aproximado ou prestado atenção no carimbó, porque para muitos é uma dança dos “mais antigos” e então nunca tinha prestado a atenção nele, aí depois que entrei no projeto Carimbolando, foi diferente, depois deu ter me aproximado me aprofundado nesse projeto, depois de ter descoberto várias coisas do carimbó, que eu não tinha nem ideia que tinha e que precisava, então tive uma grande admiração, por conta de ser tão desvalorizado na minha cidade, agora eu vejo que não era só uma dança é “A DANÇA” então gostei muito de ter participado do projeto, o que eu aprendi e o que eu levo de aprendizado é que o carimbó não é só importante para nós mas para a nossa comunidade, com ele traz nossas raízes, como ele fortalece nossas raízes e muitos não valorizam e que a partir desse projeto ele será muito mais visto e valorizado, e é isso! (Depoimento Jociely Marciel, 15/ 12/2023).

No comentário acima percebe-se que muitos jovens perdem o interesse pela dança do carimbó por não vivenciar a prática da dança e suas histórias. Para o dançarino Caio Santos,

Foi uma experiência muito boa, participar do Carimbolando, foi uma das melhores experiências que eu tive, uma das melhores, porque aprendi tanta coisa e agora para falar, acabo até me enrolando mas principalmente foi a dança do carimbó, que é uma cultura que tá presente em nossa cidade, mas que é muito esquecida, então foi uma experiência tão boa que é isso, ótimo demais e vou levar o carimbó no meu coração, por conta de ter aprendido várias coisas sobre ele, ter estudado, ter lido. (Depoimento Caio Santos, 16/12/2023).

Deste modo, os encontros do grupo mostraram não só para os dançarinos, mas também para a sociedade capimense, a valorização e visibilidade do carimbó, pois no período de realização de experimentações muitos visitantes participaram dos ensaios/encontros para prestigiar a dança. A dançarina Ketheym Vitória falou sobre sua experiência no projeto e disse:

Foi muito boa. Conhecer um pouco mais o carimbó, a origem do carimbó, conhecer um pouco mais da dança e a cultura do carimbó, para o meu aprendizado. É muito bom conhecer novas danças para mim que nunca tinha estudado profundamente foi muito bom, pois estou levando conhecimento das culturas que nós não somos acostumados a escutar e a ver. Pesquisar sobre culturas e origens que você não conhece (Depoimento Ketheym Vitória, 15/12/2023).

Compreendo que é de suma importância, mostrar os depoimentos da entrevista realizada com os dançarinos envolvidos na pesquisa, para apresentar suas perspectivas sobre o trabalho desenvolvido com eles com a dança do carimbó e para demonstrar o aprendizado que obtiveram com o grupo e a valorização da cultura para as futuras gerações capimenses.

Figura 41 - Registro do dia da gravação do vídeo clipe do grupo.



Fonte: Klaryane Pimentel, 2023.

Portanto, a dança desperta em suas práticas o afeto das pessoas no convívio dos encontros e dos novos conhecimentos obtido pela mesma. Assim esta seção, demonstrou os ensinamentos e métodos desenvolvidos sobre a prática da dança do carimbó, adquiridos no meu trajeto de vivências como pesquisadora de dança populares, na perspectiva da Etnocologia, que contribuiu para a formação de novos pensamentos sobre a dança do carimbó. Estes novos conhecimentos foram repassados para novos corpos dançantes, apresentando caminhos de ensino-aprendizado de movimentos para a compreensão da dança.

Contudo, o grupo Carimbolando apresentou por meio das coreografias a espetacularidade da dança, do cotidiano e do contexto sócio-histórico-cultural do município de São Domingos do Capim.

5 MAREZIA NA MARÉ²¹ - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A maresia se forma depois que a Pororoca passa, sendo contínua e sem fim pelas margens do rio, assim são os estudos da espetacularidade da dança, por meio de seus estudos apresenta a singularidade do fazer artístico na arte/dança no contexto acadêmico. Assim, esta pesquisa objetivou compreender o ensino–aprendizado do carimbó para jovens do município de São Domingos do Capim, pelo viés da Etnocologia.

Desta maneira, o grupo Carimbolando, foi um dos primeiros grupos a serem desenvolvidos no município de São Domingos do Capim na linguagem da dança do Carimbó com jovens, tornando-se o pioneiro cultural no município e referência na cidade, pois é muito difícil fazer cultura com pouco recurso e se torna mais difícil a permanência de grupos de dança no município. A falta de incentivos, espaços e oportunidades do órgão governamental, faz com que os grupos terminem suas atividades, por isso, tem-se poucos grupos atuantes na cidade.

Mas a busca pelo fazer/compreender dança, me levou a criar duas coreografias do grupo Carimbolando, as quais contribuíram para esta pesquisa. Vale destacar que os encontros realizados com o grupo, no decorrer deste trabalho foram carregados de afeto, respeito e muitos sentimentos partilhados por todos que ali se encontravam abraçados pelo grupo.

No que tange a colaboração teórica sobre o carimbó para jovens interioranos do município que apenas haviam experienciado a práxis da dança, foi uma estratégia de ensino simples e tradicional e, ao mesmo tempo grandiosa, para os indivíduos que nunca tiveram acesso as leituras sobre o carimbó.

No decorrer do processo dos laboratórios de criação, pode-se dizer que o propósito foi alcançado, observado nas experimentações com os jovens do referido município, por meio dos métodos aplicados para o ensino da dança. Os conhecimentos e experiências teórico-práticas sobre o carimbó foram relatados nas entrevistas dos participantes, incluindo melhor compreensão dos movimentos, novas descobertas sobre a dança e a conscientização das danças ancestrais e sua origem para a execução da mesma.

²¹ Esta seção refere-se às considerações finais do Trabalho de Conclusão de Curso.

A pesquisa revelou a experimentação de uma da prática da dança, a fim de contribuir para os profissionais que queiram trabalhar a prática de ensino-aprendizagem da dança do carimbó, evidenciando os aspectos históricos da dança, a fim de contribuir para a relevância histórica e cultural do carimbó até nos dias atuais.

Contudo, foi de suma importância esta pesquisa sobre o carimbó, que teve a finalidade de compreender o ensino-aprendizagem sobre a dança do Carimbó, principalmente em uma cidade do interior do estado do Pará, onde a cultura da dança é invisibilizada e menos valorizada. Entendo que por meio desta pesquisa, será possível lutar para desenvolver e mostrar a importância da dança para as pessoas da comunidade. Esta pesquisa é inédita e contém a contribuição para o município de SDC e para academia.

Por fim, este estudo é apenas o início de muitos outros e não tem a pretensão de esgotar o tema em poucas linhas, mas mergulhar nas águas dos estudos e ser levado continuamente adiante pelos rios do conhecimento a fora, para revelar o saber/fazer da Amazônia paraense.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA PARÁ. **Governo incentiva surf na pororoca em São Domingos do Capim**. 2019. Disponível em: <https://agenciapara.com.br/noticia/12032/governo-incentiva-surf-na-pororoca-em-sao-domingos-do-capim>.

AZEVEDO. Maria Ana Oliveira. O jogo de sedução: Nos giros das saias do lundu marajoara. **Revista Ensaio geral**, Belém: UFPA/ICA/Escola de Teatro e Dança, v.1, n.2, jul/dez. 2009.

AZEVEDO. Maria Ana Oliveira. **O tamanco e o vaqueiro**: um estudo dos elementos espetaculares da dança dos vaqueiros do marajó, em Belém do Pará. 2018. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) - Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas, (PPGAC), UFBA, Salvador. Disponível em: [Universidade Federal da Bahia: O tamanco e o vaqueiro: um estudo dos elementos espetaculares da dança dos vaqueiros do Marajó, em Belém do Pará \(ufba.br\)](http://Universidade Federal da Bahia: O tamanco e o vaqueiro: um estudo dos elementos espetaculares da dança dos vaqueiros do Marajó, em Belém do Pará (ufba.br)). Acesso em: 12 set, 2024 às 11:38.

AZEVEDO. Maria Ana Oliveira. O tamanco e o vaqueiro: um estudo dos elementos espetaculares da dança dos vaqueiros do marajó. In: CAMARGO, Giselle Guilhon Antunes (org.). **Antropologia da dança II** – Pesquisas do CIRANDA – Círculo Antropológico da dança. Florianópolis: Insular, 2015.

BIÃO. Armindo. **Artes do corpo e do espetáculo**: questões de etnocenologia. Salvador: P&A Editora, 2007.

BIÃO. Armindo; PEREIRA, Antonia; CAJAÍBA, Luiz Cláudio; PITOMBO, Renata. **Matrizes Estéticas**: o espetáculo da baiyanidade. Temas em contemporaneidade, imaginário e teatralidade/. São Paulo: Annablume: Salvador: JIPE-CIT, 2000. Disponível em: [Temas em contemporaneidade, imaginário e teatralidade - Google Livros](https://www.google.com/books). Acessado em: 12 set, 2024.

BIÃO. Armindo (org). Um léxico para a etnocenologia: proposta preliminar*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ETNOCENOLOGIA, 5., 2007, Salvador. **Anais**. Fast Design, 2007. p. 43 – 49.

BOGÉA, Eliana Benassuly. **O carimbó e do carimbó**: culturas, saberes e políticas. Orientador: Silvio Figueiredo. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, Belém, 2019.

CAMPOS, Marcos Antônio Almeida; MAGALHÃES, Patrick Anderson Martins (org.). **Apostila de danças tradicionais brasileiras**. [Fortaleza]: [s. n.], 2014. Disponível em: www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/58567. Acesso em: 16 Nov. 2022.

DE PAULA, J. B.; OLIVEIRA, S.-L. R. C.; RAMOS, M. A. de S. O carimbó ecoou nos corredores da escola: uma memória de pertencimento se ouviu. EDIÇÃO ESPECIAL – Caderno Temático: História e Cultura Africana e Afro-brasileira – Lei 10.639/03 na escola. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 10, n. Ed. Especi, p. 786–799, 2018. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/475>. Acesso em: 23 fev. 2024, as 10:31

FERREIRA, Gleison Gonçalves. A Dança como Patrimônio Cultural Imaterial: uma resenha crítica do inventário Nacional de Referências Culturais sobre o Carimbó. In: CAMARGO, Giselle Guilhon Antunes (org.). **Antropologia da dança II** – Pesquisas do CIRANDA – Círculo Antropológico da dança. Florianópolis: Insular, 2015.

FUSCALDO. Bruna Muriel Huertas. O carimbó: cultura tradicional paraense, patrimônio imaterial do Brasil. **Revista CPC**, São Paulo, n.18 – 105, dez. 2014/abril 2015.

GARCIA, Jéssica Ribeiro. **Dança como fortalecimento da identidade cultural na comunidade quilombola de Vila União/Campinas**. Orientadora: Francilene de Aguiar Parente. 2022. 31 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciado em Etnodesenvolvimento) - Faculdade de Etnodiversidade, Campus Universitário de Altamira, Universidade Federal do Pará, Altamira, 2022. Disponível em: <https://bdm.ufpa.br:8443/jspui/handle/prefix/5262>.

GIL. Antônio Carlos, 1946 – **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4, ed.- São Paulo: Atlas .2002. disponível em: <https://archive.org/details/metodologia-da-pesquisa-antonio-carlos-gilcomoelaborar-projetos-de-pesquisa/page/54/mode/2up>.

GREINER, Cristine; BIÃO, Armindo (org.). **Etnocenologia**: textos selecionados. São Paulo: Annablume, 1999.

INDUMENTÁRIA. Dicionário Online de Português. 7Craus, 2029 – 2024. Disponível em: <https://search.app/GVpCQpfN53HeWmCHA>. <https://www.dicio.com.br/indumentaria/>. Acessado 26 jul. 2024, as 18:53.

INRC. **Carimbó**. Inventário Nacional de Referência Culturais. IPHAN Dossiê IPHAN (Carimbó). Belém – Pará, outubro de 2013.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. ibge.gov.br.2021.

JASTES; Eder Robson Mendes. **Zimba**: A espetacularidade gestual dos dançarinos de carimbó na Amazônia/ Eder Robson Mendes Jastes; Orientadora, Suzana Martins – 2012. Tese (Doutorado) – Doutorado Interinstitucional – DINIER / Universidade Federal da Bahia / Universidade Federal do Pará, programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da UFPA, Belém 2012. Acessado 13 nov. 2023, as 10:57.

JASTES; Eder Robson Mendes **Banheiro de saia**. **Revista Ensaio Geral**, Belém: UFPA/ICA/Escola de Teatro e Dança, v. 1, n. 2, jul/dez. 2009.

JESUS e FERREIRA. Ailton Santos de; Rousejannyda Silva. **V Seminário de ensino e pesquisa em dança: corpo, som e movimento**. Faculdade de educação física e Dança.IFG – Campos Aparecida de Goiânia – GO, agosto de 2019. Acessado 19 out. 2023, as 11:22.

JOSÉ, A. M. S. Dança contemporânea: um conceito possível? In: COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE, 5., São Cristóvão. **Anais eletrônicos**... São Cristóvão: EDUCON, 2011. Disponível

em:<http://www.educonufs.com.br/vcoloquio/cdcoloquio/cdroom/eixo%209/PDF/Microsoft%20Word%20%20DANcA%20CONTEMPORaNEA%20UM%20CONCEITO%20POSSIVEL.pdf>. Acesso em: 10 set, 2024.

MARIN, Rosa Elisabeth Acevedo; FERREIRA, Eliana Ramos; Marques, Fernando Luiz Tavares. **Patrimônio, cultural e territorial dos Quilombolas do Rio Capim**. Belém: IPHAN, 2014.

MARQUES, Isabel A. **Ensino da dança hoje: textos e contextos**. 6. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MOREIRA, Wender de Jesus dos Anjos. **A lei dos irmãos: afeto e espetacularidade do grupo de Breaking Dragon Crazy de São Domingos do Capim-PA**. Orientadora: Arianne Roberta Pimentel Gonçalves. 2018. 75 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Dança) – Escola de Teatro e Dança, Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018. Disponível em: <http://bdm.ufpa.br/jspui/handle/prefix/1899>.

OLIVEIRA, Maria Ana Azevedo de. O corpo que dança: pesquisas em Etnocologia. **Revista Repertório: Teatro & Dança**, Universidade Federal da Bahia, Escola de Teatro, Escola de Dança. Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas Salvador: UFBA/PPGAC, ano 18, n. 25. (2015.2).

PEREIRA, Rogério. **Capim, sua história, contos e Mitos**. São Domingos do Capim: Evolution, 1998.

ROSA, Eloisa Marques. **Perspectivas das danças populares brasileiras na atualidade: Tradição e Retradicionalização**. VII Reunião Científica da ABRACE, Goiânia: Universidade Federal de Goiás; Mestrado em Performances Culturais. 2013. Acessado 1 abr. 2024, as 09:00.

SANTINHO, Gabriela Di Donato Salvador; OLIVEIRA, Kamilla Mesquita. **Improvisação em Dança**. Guarapuara: UN| CENTRO, 2013, 73p.

SALLES, V.; SALLES, M. I. Carimbó: Trabalho e lazer do caboclo. **Revista Brasileira de Folclore**, Ministério da Educação e Cultura, Rio de Janeiro, v. 9, n. 25, p.257 – 282, set./dez. 1969.

SOUZA. Jorge Alex de Almeida. A espetacularidade de uma Amazônia Ribeirinha Face ao Urbano: O exemplo de São Domingos do Capim (PA) e o desenvolvimento do turismo. **Turismo em Análise**, v. 20, n.1, abril. 2009.

SILVA. José Maria Soares. **Nas águas lendárias do rio capim**. Narrativas autocto do fenômeno da Pororoca em São Domingos do Capim – Pará. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia, Campus Universitário de Castanhal, Universidade da Federal do Pará, Castanhal, 2022.

SÓ ESCOLA. **Cultura: O que é, significado**. Publicado em 19 de setembro de 2023 por SÓ ESCOLA. Disponível em <https://www.soescola.com/glossario/cultura-o-que-e-significado#gsc.tab=0>. Acessado em 29 ago. 2023 as 20:00.

STRAZZACAPPA, Márcia. A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola. **Cadernos Cedes**, ano XXI, n°53, abril/2001.

VANNUCCHI, Aldo. **Cultura brasileira**: O que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, Piranga, 1999. Disponível em: [Cultura brasileira - Aldo Vannucchi - Google Livros](https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=c3_4RmYQPJYC&oi=fnd&pg=PA17&dq=cultura&ots=PhD14oSfy&sig=iaBxw73kYxQoBYzFjwbJkpkE6p&redir_esc=y#v=onepage&q=cultura&f=false). Ou https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=c3_4RmYQPJYC&oi=fnd&pg=PA17&dq=cultura&ots=PhD14oSfy&sig=iaBxw73kYxQoBYzFjwbJkpkE6p&redir_esc=y#v=onepage&q=cultura&f=false. Acessado em 29 ago. 2023 as 20:00.